

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Faculdade de Ciência da Informação  
Curso de Graduação em Biblioteconomia

REPRESENTAÇÃO E RECUPERAÇÃO DE INFORMAÇÃO FILOSÓFICA:  
UMA PROPOSTA DE MODELO DE TESAURO FILOSÓFICO ESPECIALIZADO EM  
KANT

Mozart Teixeira  
Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília  
2017

Mozart Teixeira

REPRESENTAÇÃO E RECUPERAÇÃO DE INFORMAÇÃO FILOSÓFICA:  
UMA PROPOSTA DE MODELO DE TESAURO FILOSÓFICO ESPECIALIZADO EM  
KANT

Monografia apresentada como parte das  
exigências para obtenção do título de  
Bacharel em Biblioteconomia pela  
Faculdade de Ciência da Informação da  
Universidade de Brasília

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília  
2017

Ficha catalográfica



**Título: Representação e recuperação da informação filosófica.**

**Aluno: Mozart Teixeira Braga.**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 12 de dezembro de 2017.

*Rita de Cássia do Vale Caribé*

**Rita de Cássia do Vale Caribé - Orientadora**  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

*Simone Bastos Vieira*

**Simone Bastos Vieira – Membro**  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

*Alexandre Fernandes Batista Costa Leite*

**Alexandre Fernandes Batista Costa Leite – Membro**  
Professor do Departamento de Filosofia (UnB)  
Doutor em Filosofia



**A Mozart Geraldo Teixeira, meu  
avô materno; sua biblioteca  
pessoal na casa da rua José Cesário  
foi a primeira que vi, e lá formei  
belas memórias de minha infância.**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à minha mãe, Maria Aparecida Couto Teixeira, bibliotecária que tem me apoiado ao longo de toda a minha vida, em todos os meus projetos, de modo amoroso e incondicional. E que também foi minha chefe na biblioteca do Itamaraty e me ensinou muito.

À minha amada companheira, Tábata Quintana Yonaha, que me acompanhou ao longo de muitas das longas horas dedicadas a este trabalho, oferecendo sugestões úteis e auxílio na redação e formatação.

À minha orientadora Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé, cordial e paciente, por acreditar no meu projeto, pelo auxílio em suas delimitações, pelas indicações de procedimentos e referências bibliográficas e também pelas aulas instigantes de classificação e linguagens documentárias.

Aos professores Dr. Alexandre Costa Leite, Dr. Mamede Lima-Marques e Dr. Evaldo Sampaio, cujas aulas aumentaram consideravelmente meu interesse por filosofia e lógica.

A Maria Consuelene Marques, Weber Vasconcellos Gomes e toda a equipe da biblioteca da UDF, que há muitos anos me proporcionou um ambiente de trabalho tão agradável que me fazia querer trabalhar até em meus dias de folga, ajudando a me conduzir ao momento atual.

A Marcelo Dias Scarabuci e outros solícitos funcionários da Biblioteca Central da UnB, pelos treinamentos em bases de dados acadêmicas, por auxiliarem em pesquisas e por me apresentarem ferramentas que auxiliaram na realização deste trabalho.

A Reginaldo Olegário e outros funcionários da secretaria da FCI, sempre bem-humorados e disponíveis para oferecer auxílio a respeito dos prazos e procedimentos.

A Alandouglas Mendes, Fellipe Sousa Lopes Antunes, Carlos Thiago Arrabal e outros assíduos frequentadores da banca da colina e das reuniões na casa de minha mãe, estimados amigos que têm me oferecido apoio e valiosa companhia ao longo dos anos.

E finalmente, à Alexandra Elbakyan, por serviços prestados a acadêmicos do mundo inteiro. Sem sua iniciativa, o acesso a muitas informações vitais a essa pesquisa não seria possível.

## RESUMO

Esta pesquisa propõe um modelo de tesauro especializado em filosofia, utilizando majoritariamente termos extraídos da obra filosófica *Crítica da Razão Pura* de Immanuel Kant, desenvolvido através do *software Tematres* e apresentado através de representação gráfica de estrutura taxonômica. São descritas as estruturas relacionais típicas de ferramentas de representação e recuperação da informação, como os tesouros e as ontologias; expostas informações acerca da história dos tesouros e feitas considerações acerca da informação filosófica e de seus suportes informacionais. Alguns exemplos de tesouros, taxonomias e ontologias especializados em filosofia são apresentados, e desenvolvidas reflexões acerca da relação entre a biblioteconomia e a filosofia.

## ABSTRACT

This research proposes a model of thesaurus specialized in philosophy, utilizing majoritarily terms extracted from the philosophical work *Critique of Pure Reason* from Immanuel Kant, developed through the software *Tematres* and presented through graphical representation of taxonomic structure. There are descriptions about the relational structures typical to tools of representation and retrieval of information, such as thesauri and ontologies; informations about the history of thesauri and considerations about philosophical information and their informational supports. Some examples of thesauri, taxonomies and ontologies specialized in philosophy are presented, and developed reflexions about the relation between librarianship and philosophy.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1- exemplo de estrutura relacional de um termo do tesauro .....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 2- exemplo de representação gráfica com estrutura taxônomica.....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 3- os quatro meta-termos principais.....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 4- descritores onomásticos .....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 5- autores filosóficos e algumas obras de Kant.....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 6- algumas partes da CRP .....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 7- descritores geográficos.....</b>	<b>40</b>
<b>Figura 8- termos Relacionados entre descritores geográficos e onomásticos.....</b>	<b>40</b>
<b>Figura 9- descritores cronológicos.....</b>	<b>41</b>
<b>Figura 10- descritores de assunto .....</b>	<b>42</b>
<b>Figura 11- termos relacionados entre descritores onomásticos e escolas filosóficas (descritores de assunto) .....</b>	<b>43</b>
<b>Figura 12- termos relacionados entre descritores cronológicos e escolas filosóficas (descritores de assunto) .....</b>	<b>44</b>
<b>Figura 13- parte da estrutura hierárquica das entidades filosóficas .....</b>	<b>46</b>
<b>Figura 14- termos relacionados entre partes da CRP (descritores onomásticos) e entidades filosóficas (descritores de assunto) .....</b>	<b>47</b>
<b>Figura 15- intuições, tábua de juízos, tábua de categorias e seus respectivos locais no texto da CRP.....</b>	<b>48</b>
<b>Figura 16- tipos de métodos filosóficos .....</b>	<b>49</b>
<b>Figura 17- método fenomenológico como Termo Relacionado de filosofia contemporânea .....</b>	<b>49</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVI	Audio Video Interleave
BRAPCI	Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação
CRP	Crítica da Razão Pura
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DVD	Digital Video Disc
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
INION	Institute of Scientific Information on Social Sciences
ISO	International Organization for Standardization
InPhO	The Indiana Philosophy Ontology Project
Jstor	Journal Storage
MP3	MPEG(Moving Picture Experts Group)-2 Audio Layer III
NDLTD	Networked Digital Library of Theses and Dissertations
NE	Nota explicativa
NT	Narrower Term
PDF	Portable Document Format
PHP	Hypertext Preprocessor
PRDL	Post Reformation Digital Library
Prolog	Programação Lógica
RT	Related Term
Scielo	Scientific Electronic Library Online
TE	Termo Específico
TG	Termo Geral
TR	Termo Relacionado
TT	Meta-termo
VHS	Video Home System
VIAF	Virtual International Authority File
WMV	Windows Media Video

### Lista de símbolos

$\neg$

negação lógica clássica

$\rightarrow$

implicação lógica clássica (“esquerda” implica “direita”)

$\leftrightarrow$

bi-implicação

$\wedge$

E: conjunção lógica

$\vee$

Ou: disjunção lógica

$\forall$

Quantificador universal

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	1
2 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO .....	2
2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA.....	2
2.2 HIPÓTESE.....	6
2.3 OBJETIVOS DA PESQUISA .....	7
2.3.1 Objetivo geral.....	7
2.3.2 Objetivos específicos .....	7
2.4 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO .....	8
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	8
3.1 DEFINIÇÕES E CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS TESAuros E SUAS UTILIDADES.....	8
3.2 TERMOS DESCRITORES E META-TERMOS DE UM TESAuro .....	11
3.3 ALGUMAS RELAÇÕES COMUNS ENTRE TERMOS DE UM TESAuro.....	12
3.4 QUALIFICADORES.....	13
3.5 UMA BREVE HISTÓRIA DO SURGIMENTO DOS TESAuros.....	14
3.6 A INFORMAÇÃO FILOSÓFICA.....	15
3.7 AS ENTIDADES FILOSÓFICAS.....	18
3.8 TESAuros ESPECIALIZADOS EM INFORMAÇÃO FILOSÓFICA .....	19
3.8.1 Philosopher's Index Thesaurus e Library of Congress Subject Headings in Philosophy: A Thesaurus .....	20
3.8.2 Tesouro Especializado em Filosofia, com Enfoque de Género.....	20
3.8.3 The Information Retrieval Thesaurus in the field of philosophy.....	22
3.8.4 Vocabulário Controlado de Filosofia.....	24
3.9 ONTOLOGIAS.....	26
3.9.1 Ontologia na filosofia e ontologias na ciência da informação .....	26
3.9.2 Ontologia, enquanto linguagem documentária, especializada em filosofia.....	27
3.10 TAXONOMIAS.....	31
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	33
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	36
5.1 DESCRITORES ONOMÁSTICOS.....	37



5.2 DESCRITORES GEOGRÁFICOS.....	39
5.3 DESCRITORES CRONOLÓGICOS .....	41
5.4 DESCRITORES DE ASSUNTOS.....	42
5.4.1 Escolas filosóficas.....	43
5.4.2 Entidades filosóficas .....	44
5.4.3 Métodos.....	48
5.5 Resultado da análise e INFORMAÇÕES ADICIONAIS SOBRE O MODELO DE TESAURO .....	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	50
6.1 DIFICULDADES DA PESQUISA .....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	56
APÊNDICES .....	61
APÊNDICE A – LISTAGEM ALFABÉTICA DOS DESCRITORES DO MODELO DE TESAURO DE FILOSOFIA ESPECIALIZADO EM KANT .....	61
APÊNDICE B – LISTAGEM SISTEMÁTICA DOS DESCRITORES DO MODELO DE TESAURO DE FILOSOFIA ESPECIALIZADO EM KANT .....	76
APÊNDICE C – EXEMPLO DE EXIBIÇÃO DE TERMO DESCRITOR (PENSAMENTO) NA INTERFACE GRÁFICA DO SOFTWARE TEMATRES .....	79
APÊNDICE D – EXEMPLO DE EXIBIÇÃO DE TERMO DESCRITOR (TÁBUA DE CATEGORIAS) NA INTERFACE GRÁFICA DO SOFTWARE TEMATRES .....	80
APÊNDICE E – EXIBIÇÃO DOS QUATRO META-TERMOS PRINCIPAIS NA INTERFACE GRÁFICA DO SOFTWARE TEMATRES .....	81
APÊNDICE F – EXIBIÇÃO DOS DESCRITORES DE ASSUNTO NA INTERFACE GRÁFICA DO SOFTWARE TEMATRES .....	82

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa trata-se dos vocabulários controlados especializados em filosofia, com destaque aos tesouros. Busca-se, ao final, elaborar um modelo de tesouro de filosofia especializado em Kant, após verificar-se a utilidade de tesouros para a representação e recuperação da informação filosófica. Adicionalmente, explica-se do que se trata o tesouro, considerando sua história e utilidade, examina-se a literatura disponível voltada para a construção e manutenção desse tipo de tesouro, além de realizar-se uma tentativa de determinar o que é a informação filosófica de um ponto de vista da biblioteconomia. Pretendeu-se, ainda, fazer uma avaliação da viabilidade do modelo de tesouro filosófico, considerando outros recursos disponíveis para representação e recuperação da informação, como as ontologias. E no modelo de tesouro proposto, intenciona-se demonstrar o emprego de termos extraídos da obra *Crítica da Razão Pura* de Immanuel Kant e literatura auxiliar, estabelecendo as relações entre os termos a partir das definições presentes no texto da *CRP* e dicionários especializados.

A dedicatória e os agradecimentos contidos em trabalhos como este são reflexo de um processo interno à consciência humana: a memória. Através desse processo, o indivíduo dá sentido ao seu mundo, conectando, em tempo real, inferências e estímulos sensoriais, ou melhor dizendo, elementos de experiência presente, com fatos, imagens, ou elementos de experiência passada, estocados em algum lugar de alguma forma, e trazidos à tona com maior ou menor grau de detalhamento e precisão. Tais inferências e estímulos são, por sua vez, também estocados para virem à tona no futuro, na medida em que se fazem necessários. Esses elementos de experiência passada vão formando um processo histórico na medida em que se acumulam, dando sentido ao mundo do indivíduo e influenciando na formação de sua personalidade.

Analogamente, grupos de pessoas também possuem seu próprio processo histórico e processos de rememoração de suas etapas. E do mesmo modo como, eventualmente, determinado indivíduo tem dificuldade para “organizar as ideias”, a humanidade tem, constantemente, se deparado com desafios na organização, representação e recuperação de elementos de sua memória coletiva.

Quando pretende-se expor para alguém uma memória, uma experiência ou uma informação, cria-se uma *representação*; algo que reflete, que mostra uma determinada experiência, mas que em si não é a experiência; um texto, um retrato, um gráfico, uma maquete; todos estes são exemplos de tentativas de solucionar tal questão. E com isso, na medida em que

se representam parcelas dessa experiência, também se recuperam, em alguma medida, essas parcelas. A experiência passada é, em certa medida, revivida no presente.

Adicionalmente, não é possível recuperar um objeto sem, ao menos em certa medida, conhecê-lo; sem saber certas determinações relativas à sua forma, cor, cheiro etc. É o que ocorre com ideias, teorias, argumentos, conceitos; para conhecê-los, é preciso que sejam objeto da experiência. Mas para que sejam objeto da experiência, é necessário lhes ter acesso direto, o que parece resultar em um paradoxo. Como acessá-los sem conhecê-los?

Se conhecimento requer acesso, mas para ter acesso, é preciso algum conhecimento, a solução talvez possa ser obtida pela via de uma espécie de “pré-conhecimento”; algo como um mapa que se consulta antes de se partir para uma viagem em busca de um baú oculto em certo local. Neste trabalho, parte-se dessa noção, de que a biblioteconomia é uma espécie de cartografia das informações, conhecimentos, conceitos e representações abstratas da experiência de maneira geral.

O objeto do qual se busca esse “pré-conhecimento” é a filosofia. Para melhor conhecê-la, é útil que se possa melhor acessá-la. Muitos instrumentos desenvolvidos pela biblioteconomia auxiliam nesse acesso, dentre os quais figuram vocabulários controlados, como os tesouros. No caso desta pesquisa, buscou-se desenvolver um modelo de tesouro como mecanismo conceitual, como uma espécie de mapa, para auxiliar na obtenção de um “pré-conhecimento” da principal obra de um dos principais autores da história da filosofia: a *Crítica da Razão Pura*, de Immanuel Kant.

Este estudo está organizado em seis capítulos, incluindo esta introdução. O segundo capítulo trata da construção do objeto de estudo e do referencial teórico. No terceiro, é feita a revisão de literatura. No quarto capítulo, são expostos os procedimentos metodológicos. No quinto capítulo, ocorre a apresentação e análise dos dados desta pesquisa e, finalmente, no sexto capítulo são feitas considerações finais, seguido de apêndices relativos ao modelo de tesouro pretendido.

## **2 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA**

Tida como um dos pilares do pensamento ocidental, a Filosofia pode ser entendida como uma matéria que influenciou, em grande medida, muitas das áreas do conhecimento

humano; das ciências humanas às exatas, todas sofreram essa influência da Filosofia e dela seguem frequentemente obtendo bases teóricas, de tal modo que sua importância não pode ser suficientemente frisada. Ela tem um papel no desenvolvimento de habilidades relativas ao discurso, à interpretação, à análise crítica, enfim, ao pensamento de maneira geral. Contribui, também, para o surgimento do “espaço público”, no qual se entende que a filosofia exerce um caráter emancipatório, edificante, em seus praticantes.

Trata-se de uma área de estudo que, dentro do contexto brasileiro, tem crescido em importância ao longo do processo histórico, de maneira constante. O primeiro curso de filosofia dentro do território geográfico, que no presente corresponde ao Brasil, data, de acordo com relato do padre Serafim Leite, de 1572. Em 1957, o número de faculdades de filosofia correspondia a cinquenta, com um total de 1.010 alunos. Atualmente, distribuídos entre as 2.407 instituições de educação superior no país existem 248 cursos de graduação com 26.084 matrículas, que geram considerável volume de informação acadêmica, contida em artigos, dissertações, teses, livros didáticos e outros (INEP, 2016.)

Entre acadêmicos e apedeados, há um interesse que vai muito além do material aqui produzido. É grande a demanda por informação filosófica gerada no exterior; isso principalmente se considerada a tradição exegética brasileira. Ampliando essas considerações em nível internacional, é possível perceber, por exemplo, uma possibilidade de desencontro ou desconhecimento mútuo entre diferentes trabalhos que tratam de assuntos correlatos, bem como questões relativas a interpretações de comentadores que abordam os mesmos autores, mas que advêm de diversas correntes, épocas e nacionalidades. Há ainda questões relativas à tradução e outros fenômenos que permeiam a relação entre a informação filosófica e aqueles que a buscam, recuperam e tratam de maneira geral.

Ademais, considerando o meio acadêmico em seus diversos níveis; há que se notar que muitas vezes, a respeito de um único trecho ou argumento contido em determinada obra importante na história da filosofia, pode-se observar a produção de muito material em forma de resumos, comentários, sinopses, artigos, resenhas, dissertações, comparações com argumentos de outros filósofos e assim por diante. Tal fato traz à biblioteconomia a complicada tarefa de equilibrar o holístico e o específico na representação e recuperação de assuntos relativos ao que talvez possa-se ter como uma das mais ricas e complexas áreas do conhecimento, isso no que concerne a carga conceitual e léxica.

Diz a segunda lei de Ranganathan (2009) que para cada leitor há um livro que lhe é mais adequado. Mas no turbilhão de toda informação acadêmica produzida, considerando a

informação filosófica e as pessoas que a buscam, como essa lei pode ser melhor efetivada na contemporaneidade? Para fins de discussão, expandindo-se o conceito de livros para englobar todo tipo de suporte que contém a informação filosófica, estará, cada leitor de filosofia, encontrando seu “livro”? Em outras palavras, como melhor conduzir o usuário da informação filosófica aos itens específicos que contém as respostas para suas questões, na medida em que elas surgem e da forma que melhor lhes satisfaça?

É fato que a biblioteconomia vive uma relação importante com a filosofia; se considerar, por exemplo, a relevância, no âmbito da biblioteconomia e da ciência da informação em geral, do conceito de ‘categoria’, pode-se rapidamente constatar a influência do pensamento de filósofos, como Aristóteles, no trabalho de teóricos da ciência da informação, como Ranganathan, dentre outros exemplos. No entanto, a Biblioteconomia brasileira parece ter dado limitadas contribuições ao estudo e tratamento especializado da informação filosófica, seja ela nacional ou internacional.

Dado o crescente interesse do público em geral por filosofia, bem como o número de cursos acadêmicos na área e suas respectivas necessidades de informação, além da ampliação da demanda por informação filosófica no currículo do ensino médio e em processos seletivos como o Enem, é necessário um esforço, por parte dos bibliotecários, em auxiliar o usuário desse tipo específico de informação, considerando, sobretudo, particularidades no seu processo de organização e recuperação.

Tal processo contém uma bi-implicação bem particular entre perspectivas; o usuário ou produtor de informação filosófica pode deparar-se com as dificuldades naturais e já esperadas de todo indivíduo que busca a orientação do profissional de informação, relativas ao ato ou tentativa de articular, com exatidão, suas próprias necessidades de informação, bem como às limitações que o profissional pode ter em entendê-las, devido a dificuldades costumeiras da linguagem natural e atrito entre terminologias de áreas de conhecimento variadas. Este último, por sua vez, em muitos casos possui pouco ou nenhum conhecimento temático de filosofia e treinamento insuficiente para lidar com o tipo de informação a ela associada. Esse problema de comunicação entre usuário de informação filosófica e profissional da informação pode causar ‘ruídos’, isto é, configurar-se em um quadro no qual o resultado das tentativas de armazenagem e recuperação da informação não apresentam os resultados ideais, conduzindo o usuário da informação filosófica a itens que não correspondem ao que seria o alvo objetivo de sua pesquisa ou que não satisfazem suas necessidades e questões. Nesse contexto, como fazer coincidir as

perguntas do usuário com as respostas, seja de um profissional humano, seja de um sistema de pesquisas eletrônico ou base de dados?

Considere-se, ainda, que a filosofia e informação que lhe é relativa é circundada por princípios presentes na comunicação científica. Caribé, ao tratar da relação entre comunicação científica e público leigo, aponta o fato importante de que um especialista em determinada área de ciências (como por exemplo, a biologia marinha) torna-se elemento partitivo do público leigo na medida em que são abordadas áreas outras que não aquela de sua especialidade (por exemplo, a robótica) (CARIBÉ, 2011). De modo semelhante, um acadêmico da filosofia de formação especializada, por exemplo, em lógica, poderia eventualmente e em ao menos alguma medida, ser tido como público leigo quando o assunto é filosofia oriental ou africana. A ciência é demasiadamente ampla para ser dominada, em todos os seus aspectos, no nível individual. E também é o caso da filosofia, dado seu extenso processo histórico, com uma abundância de autores, escolas, períodos etc. Algo que impõem um princípio de interdisciplinaridade, ou fragmentação do conhecimento.

Além disso, a própria natureza linguística da filosofia contribui para a existência de ruídos devido à alta frequência de fenômenos específicos, como a polissemia; algo que privilegia a filosofia com uma maior riqueza de sentidos possíveis aos termos que ela emprega (MAZZOCCHI; TIBERI, 2009, p. 105), mas que pode trazer dificuldades na pesquisa e na comunicação entre usuário e máquina, ou usuário e profissional da informação (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 327). Disso se segue a seguinte questão: sistemas de busca que empregam linguagem natural contornam esses fenômenos de maneira totalmente satisfatória?

Há na biblioteconomia brasileira uma miríade de exemplos na qual tesouros têm atuado no sentido de auxiliar no gerenciamento de problemas como esses, no âmbito de diversas áreas do conhecimento. Mediante breve pesquisa feita informalmente no portal do buscador *Google*®, foram rapidamente identificados tesouros em língua portuguesa, elaborados no Brasil e em outros países lusófonos, com termos extraídos de áreas como o direito, a biologia, a engenharia e outras, buscando atendê-las em suas necessidades de representação da informação, bem como na sua recuperação e de modo a cumprir um princípio de pertinência na informação recuperada. No entanto, será possível obter o mesmo resultado com tesouros especializados em filosofia?

Busca-se neste trabalho fazer um breve apontamento do seguinte problema: há carência de oferta apropriada de vocabulários controlados, mais precisamente de tesouros, que sejam especializados em filosofia e construídos para atender falantes da língua portuguesa, inclusive

leigos nesse campo. Busca-se, ainda, considerar particularidades no tratamento desse tipo de informação e diretrizes contidas no âmbito das linguagens documentárias, a fim de propor um modelo de tesouro especializado em filosofia. Quais diretrizes devem ser seguidas para se criar um vocabulário controlado que auxilie, da melhor forma possível, usuários e bibliotecários na representação e recuperação da informação filosófica?

## 2.2 HIPÓTESE

A informação filosófica como um todo seria um objeto de estudo demasiadamente amplo para a presente pesquisa. Por isso, para fins de elaboração desta hipótese, foi selecionada como amostra uma parte da filosofia, relativa a uma obra filosófica específica; há ampla literatura a respeito de tal obra, em forma de comentários, artigos, dicionários e outros. Trata-se da *Crítica da Razão Pura* de Immanuel Kant, que possui ampla presença de seus conceitos em dicionários filosóficos e obras de comentadores.

A hipótese a ser testada é a de que um modelo de tesouro filosófico, focado em um trecho relevante da obra de um autor específico, pode talvez auxiliar na padronização adequada de representação temática da informação filosófica, além de reduzir a ocorrência de ruído. Se for o caso, o resultado desta pesquisa pode aumentar a precisão em outras pesquisas acerca de conceitos e argumentos presentes na obra desse autor específico, além de auxiliar no estabelecimento de diretrizes a serem seguidas na elaboração de outros tesouros, com variados graus de especialização, que tratam do campo da filosofia.

Para melhor atender a esse fim, tal modelo deve ser concebido em consideração holística do todo da filosofia no qual encontra-se inserido o trecho da obra filosófica que será a amostra e objeto deste modelo de tesouro, servindo, portanto, como meio adequado de representação e recuperação de informação filosófica. Se espera com isso obter procedimentos que ajudem a facilitar o processo de organização, tratamento e recuperação da informação filosófica relativa a esse autor, de forma a atender necessidades informacionais diversas e fazer jus à amplitude das potencialidades epistêmico-informativas em jogo nesse caso específico.

Esse problema não pode ser sanado de forma ampla e definitiva no presente trabalho e nele evita-se tal pretensão. O que se busca é principalmente a prática das metodologias científicas disponíveis para avaliar esse tipo específico de problema e apontar soluções, bem como a prática das metodologias mais apropriadas para criação de tesouros monolíngues aplicadas a esse tipo específico de informação aqui considerada.

Para fins de discussão hipotética, supõe-se que, em face de recursos como os sistemas de busca que se valem da linguagem natural presentes hoje em dia na internet, será realizada uma tentativa de arguir objeções enfáticas contra o tesouro enquanto recurso, que poderiam surgir do usuário médio da informação filosófica e leigo em questões de ciência da informação. Isso será feito mediante esclarecimento do que se trata um tesouro; como é feito, como funciona e como se configurou o presente significado, neste trabalho, do termo 'tesouro' em função do processo histórico de desenvolvimento das técnicas de indexação contemporâneas.

## **2.3 OBJETIVOS DA PESQUISA**

### **2.3.1 Objetivo geral**

Construir um modelo de tesouro de filosofia especializado.

### **2.3.2 Objetivos específicos**

- Verificar a possível utilidade dos tesouros enquanto recurso para representação e recuperação da informação filosófica;
- Conceituar o tesouro e explicar sua finalidade; realizar uma exposição de sua origem, evolução histórica e significado específico no âmbito desta pesquisa;
- Examinar a literatura especializada disponível referente às diretrizes e orientações para elaboração de tesouros de filosofia;
- Determinar parâmetros que permitam identificar instâncias de informação filosófica, de um ponto de vista da biblioteconomia;
- Analisar vocabulários controlados de filosofia preexistentes;
- Demonstrar o emprego, em um modelo de tesouro, de termos extraídos da obra *Crítica da Razão Pura* de Immanuel Kant e literatura auxiliar; estabelecer as relações entre os termos a partir das definições presentes no texto da *CRP* e dicionários especializados;
- Avaliar a viabilidade do modelo de tesouro filosófico; comparar com outros meios disponíveis.



## 2.4 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Quando da realização desta pesquisa, não foram identificados vocabulários controlados voltados à filosofia construídos em língua portuguesa. Este estudo se restringe, portanto, a considerar apenas tesouros e ontologias, bem como representações gráficas de estrutura taxonômica, construídos em língua inglesa e espanhola.

Os dados coletados correspondem aos termos descritores do modelo de tesouros, extraídos do texto da *CRP* e literatura auxiliar, bem como de obras auxiliares, como dicionários e livros e artigos de comentadores. Para viabilização da pesquisa, foi considerada apenas a filosofia ocidental, excluindo-se categorias e noções presentes na filosofia oriental, africana e outras.

## 3 REVISÃO DE LITERATURA

Para a realização desta revisão de literatura, dividida em 10 partes, foram consultadas obras da área de Biblioteconomia elaboradas pelos autores Dodebei (2002), Mozzochi e Tiberi (2009), Hjørland (1997), Cunha e Cavalcanti (2008) e Currás (1995; 2010), bem como a norma técnica ISO 25964-1:2011. Dentre estas fontes, algumas foram fornecidas pela orientadora, outras adquiridas nas bases de dados da CAPES, SciELO, DOAJ, NDLTD, BRAPCI e outras bases, além de algumas obtidas através do buscador *Google*. Foram também utilizados livros obtidos do acervo da Biblioteca Central da UnB. Para esclarecer questões relativas à filosofia, foi consultado o *Dicionário Filosófico* de Nicola Abbagnano e o *Dicionário de Obras Filosóficas* de Denis Huisman.

Utilizam-se conceitos como termo, meta-termo, mono-hierarquias, poli-hierarquias, terminografia, teoria da atividade, homonímia, sinonímia, qualificadores, informação filosófica, suporte, tesouro, ontologia e taxonomia, dentre outros.

### 3.1 DEFINIÇÕES E CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS TESAuros E SUAS UTILIDADES

Neste trabalho pretende-se propor um modelo de tesouro, isto é, um tipo de linguagem documentária voltada para a indexação e recuperação de documentos. Mas antes de apresentar

esse modelo, é preciso esclarecer algumas questões. Talvez a mais importante delas é: no que consiste, exatamente, um tesouro?

De acordo com Dodebei (2002), na década de 1940 observou-se um tipo de explosão documental, na qual um crescimento significativo na produção de informação aumentou a importância de periódicos e relatórios de pesquisas, trazendo saberes ultra-especializados e, com isso, novas demandas por técnicas de representação de conteúdos que não eram contempladas por linguagens documentárias tradicionais. Disso se segue que o tempo empregado em determinada pesquisa se tornou cada vez maior em face do crescente volume de informação consultável, a fim de determinar o que pode ou não ser útil para atender às necessidades de informação cada vez mais específicas. Ou seja, maior quantidade de oferta, o que equivale a uma tendência a maior quantidade de tempo investido no processo de decisão e seleção de fontes. Nesse contexto, o livro perdeu sua prevalência inquestionável como suporte de conhecimento, dividindo cada vez mais espaço com outros tipos de suporte, como os supracitados.

Ao buscar por informações específicas entre uma quantidade muito grande de documentos, o usuário corre riscos cada vez maiores de, na medida em que cresce a quantidade de informação disponível, deparar-se com o chamado ‘ruído’, ou seja, informação não alinhada ao objetivo de sua pesquisa e que cresce de modo diretamente proporcional ao que Dodebei (2002) chama de ‘conhecimento público’; este último, por sua vez, equivale à soma de todo o conhecimento produzido, publicado, acumulado ao longo dos tempos e que se encontra atualmente disponível. Considerando a discussão a ser explicitada mais adiante acerca do problema filosófico do conceito de assunto, verifica-se rapidamente que o controle de ruído não é tarefa das mais triviais, ao menos em algumas pesquisas específicas. Tal discussão acerca da proliferação e ruído reflete ao chamado *big data*, que corresponde a uma armazenagem de dados de grande volume e complexidade (“Big Data Definition - MIKE2.0, the open source methodology for Information Development”, [s.d.]).

A ocorrência deste fenômeno do ruído é influenciada, ainda, pela presença de certas características da linguagem natural, particularmente a polissemia. Mazzochi e Tiberi (2009, p.103-104) sustentam que, enquanto a polissemia, por um lado “garante riqueza e flexibilidade a sistemas de signos” (tradução nossa), por outro gera ambiguidades de sentido que dificultam a pesquisa em sistemas de organização do conhecimento, causando, portanto, uma necessidade por controle de vocabulário. Há ainda o caso muito semelhante da ‘variação contextual’ e que, de acordo com alguns autores, difere de uma verdadeira polissemia semântica, na medida em que diz respeito ao mesmo objeto ou material, percebido ou descrito sob diferentes pontos de

vista que, por sua vez, recorrem todos ao mesmo termo; a verdadeira polissemia semântica, por sua vez, equivaleria àqueles casos nos quais o mesmo termo se refere a diferentes objetos e materiais, indo além da mera variação de perspectiva do observador (BLANK, 2003; FRATH, 2001 apud MAZZOCHI; TIBERI 2009).

Dodebei (2002) aponta que casos como o da polissemia atentam contra a exatidão da pesquisa por informações, documentos ou assuntos, contribuindo para aumentar a quantidade de ruído obtido pelo pesquisador. De modo semelhante, na representação e recuperação da informação, há que se considerar a homonímia. Por exemplo: o agrônomo que está em busca de documentos que tratem da cultura da fruta *manga*, ao aventurar-se em bases de dados mais genéricas, pode acabar recuperando, por exemplo, documentos que tratem de alfaiataria, por ser *manga* um termo usado também para designar uma parte de itens de vestuário, como uma camisa ou uma jaqueta. Outro resultado possível seria o de documentos que tratam do chamado *mangá*, isto é, obra de arte sequencial (revistas em quadrinhos) feitas predominantemente no Japão. Esse exemplo ilustra bem a dificuldade em se recuperar informação valendo-se exclusivamente de uma linguagem natural, não-controlada. Evidentemente, esse problema toma outras proporções em pesquisas em nível mais especializado.

Outro exemplo, envolvendo polissemia: *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1993) é considerado uma das mais importantes obras de sociologia e historiografia do Brasil. Um livro amplamente conhecido, mas que nas mãos de um bibliotecário desatento, poderia ser classificado e indexado como um livro que trate, por exemplo, de botânica, ou da cultura de alimentos como a mandioca. Isso é devido à capacidade que o termo “raízes” possui de imbuir-se de significados distintos; pode designar “parte da planta” ou pode operar como sinônimo de ‘origens’; no caso do livro de Sérgio Buarque de Holanda, indica que seu assunto tem relação com o passado da sociedade brasileira.

Em *Dicionário de Filosofia*, Abbagnano (2015) dedica mais de dez páginas para explicar exclusivamente o conceito, por exemplo, de ‘ser’. Sendo um conceito realmente muito amplo, antigo e debatido, ao longo da história, por uma miríade de diferentes autores, de áreas de conhecimento e sob as mais variadas chaves de leitura, trata-se de um termo que pode imbuir-se de variadas cargas conotativas e mesmo denotativas; pode possuir boa quantidade de possíveis sentidos que afastem o resultado da pesquisa do objetivo desejado (por exemplo, trazendo para o pesquisador em filosofia resultados que não dizem respeito a sua área de interesse). Isso se encontra refletido no resultado de qualquer pesquisa mais genérica, isto é, menos criteriosa e específica a respeito desse termo. Em uma base de dados como a do

*Google®*, uma pesquisa que se valha apenas do termo ‘ser’ obtém mais de dois bilhões de resultados! (19/09/2017). A relação específica entre filosofia e ciência da informação será discutida mais adiante.

Estabelece-se, portanto, a partir do momento histórico da explosão informacional, um importante papel da biblioteconomia e da ciência da informação: o de desenvolvedor e mediador no uso de ferramentas e serviços de pesquisa customizada, que sejam capazes de oferecer não apenas grande número de resultados para pesquisas, mas que o faça com a menor quantidade possível de ruído. É buscando atender essa necessidade por informação que se desenvolvem linguagens artificiais para fins de classificação e indexação, dentre as quais encontram-se os tesouros.

Linguagens de indexação bem definidas podem auxiliar na padronização de uma determinada representação temática e na introdução ordeira de, por exemplo, documentos, ou ainda de dados, em algum sistema de informação. Talvez um dos mais conhecidos e importantes instrumentos utilizados pela biblioteconomia nesse sentido, o tesouro é um tipo de vocabulário controlado, que pode ser considerado como representação de determinado assunto mais ou menos específico. Tesouros têm mais de uma utilidade possível, dentre as quais a mais importante é provavelmente a recuperação de informação, contida em diversos tipos de documentos; algo que diz respeito a teorias voltadas à explicação e reflexão de conceitos como ‘assunto’, ‘informação’, ‘documentos’ e outros. Em outras palavras, o tesouro é um tipo de ‘dado de assunto’ (HJØRLAND, 1997, p. 27 - tradução nossa); trata-se de algo que cumpre a função de auxiliar na recuperação de informações e condensação das mesmas.

### **3.2 TERMOS DESCRITORES E META-TERMOS DE UM TESAURO**

De acordo com definição oferecida por Cunha e Cavalcanti (2008, p. 360), os termos, que juntamente com suas relações com outros termos proporcionam o corpo estrutural de um tesouro, são a “palavra ou expressão empregada para a inclusão temática de um item em sistemas de informação e para a recuperação posterior”, o que equivale, portanto, a um “rótulo semântico”.

Operando dentro de vários tipos de relações a serem explicadas mais adiante, um termo, inserido em um tesouro construído, por exemplo, na ferramenta *Tematres*, pode cumprir dois tipos de funções específicas, designadas por ‘termo’ propriamente dito ou ‘meta-termo’. Meta-termos, por sua vez, são termos não utilizados em indexação, isto é, não são usados, ao contrário

dos termos comuns, como descritores indicativos de temas ou assuntos dos quais tratam determinado documento; ao invés disso, sua função é a de indicar o tipo ou finalidade de outros termos contidos no tesauro; funcionam como uma espécie de conjunto ou categoria geral, que compreende um número N de termos, sobre os quais costuma exercer uma relação do tipo TG (relação geral-específico).

### 3.3 ALGUMAS RELAÇÕES COMUNS ENTRE TERMOS DE UM TESAURO

Uma função cumprida por tesouros é a de oferecer, tanto ao usuário quanto ao profissional da informação, algo que pode ser chamado de terminografia. Tal conceito é definido por Cunha e Cavalcanti (2008, p.360) como o “Registro de dados terminológicos que indica a descrição precisa de um conceito, bem como a relação de um conceito com outros conceitos”.

Essa relação terminográfica entre conceitos representados por termos de um tesauro é enumerada por Cunha e Cavalcanti de forma que merece ser exposta aqui, devido a sua praticidade. Uma delas reflete uma solução encontrada para o fenômeno da sinonímia. Ela consiste na relação de equivalência, refletida nas instâncias em que certos termos de um tesauro são registrados como ‘termo proibido’, seguidos de uma remissiva (2008, p. 317). No programa de computador denominado *Tematres*, é simbolizada por “USE”. Essa remissiva conduz a um determinado ‘termo preferido’, que, de modo semelhante, é registrado de modo a indicar suas variâncias não-autorizados para uso na indexação. No *Tematres* são indicadas pela sigla “UP”, que significa “usado para”.

Outro tipo de relação encontrada em tesouros, talvez a mais preponderante e que reflete seu caráter categorial, são as relações hierárquicas. A partir desse tipo de relação, a determinado termo pode ser atribuído um outro termo mais geral, comumente designado pela sigla TG e outro que lhe é relativamente mais específico, indicado pela sigla TE. Essa relação permite representar, por exemplo, o fato de que a botânica é uma instância específica da biologia, que por sua vez é uma expressão mais especializada da determinação mais geral encontrada na forma das ciências da natureza.

Ocasionalmente, pode-se encontrar uma variação dessa relação, a relação hierárquica partitiva, na qual ao termo ‘árvore’ poderia, em um tesauro de biologia, lhe ter atribuído o termo específico partitivo ‘galho’ e o termo geral partitivo ‘floresta’. Adicionalmente, existem

relações mono-hierárquicas, na qual subordina-se determinado termo a apenas um termo mais geral, ou poli-hierárquicas, nas quais um termo pode ser subordinado a mais de um termo geral (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 319).

Outrossim, há as relações associativas, que indicam entre dois ou mais termos uma afinidade não hierárquica (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 316). Considere-se por exemplo um tesauro que contenha termos que tratem da História do Brasil. Nesse exemplo, o termo ‘Tratado de Tordesilhas’ poderia ter uma relação associativa com os termos ‘Espanha’ e ‘Portugal’.

Eventualmente, em tesauros podem ser identificadas ainda os TTs, ou “meta-termos”; tratam-se de termos que cumprem exclusivamente a função de “categoria geral”, ou ainda de descrever a função de seus respectivos TEs. Os TTs não são empregados em indexação e pesquisas.

Finalmente, alguns tesauros podem ainda acomodar relações de oposição, de modo a considerar o fenômeno da antonímia (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 318). Desse modo, em determinado tesauro de agricultura, construído de modo a retratar estágios de desenvolvimento das plantas, pode-se eventualmente observar relação de oposição entre os termos ‘verde’ e ‘maduro’.

### **3.4 QUALIFICADORES**

Em tesauros, além dos termos e de suas relações, merecem destaque os qualificadores, devido a sua função de gerenciar a ambiguidade resultando dos fenômenos anteriormente mencionados da homonímia e polissemia. Como saber se ‘raízes’ diz respeito a ‘parte da planta’ ou se opera no sentido de “sinônimo de começo ou origem”? Como diferenciar ‘manga’ de uma blusa da fruta ‘manga’?

No âmbito dos tesauros, resolve-se essa questão registrando termos como estes da seguinte forma: ‘Manga (fruta) ‘; ‘Raiz (planta) ‘. A parte entre parênteses corresponde ao qualificador do termo, que Cunha e Cavalcanti definem como “palavra acrescentada, entre parênteses, a um descritor ou termo de indexação, com a finalidade de explicitar formalmente o sentido, evitando ambiguidade” (2008, p. 304).

### 3.5 UMA BREVE HISTÓRIA DO SURGIMENTO DOS TESAUROS

Ao termo ‘tesouro’ nem sempre foi atribuído o sentido específico presente neste trabalho, enquanto ferramenta documentária. Com equivalentes no latim (*thesauru*), e grego (*thesaurós*), seu significado original tem a ver com “tesouro” ou ainda “armazenagem” ou “repositório” (DODEBEI, 2002). Ao longo da história, o termo ‘*thesaurus*’ foi utilizado, sobretudo na língua inglesa e em alguma medida até os dias de hoje, como sinônimo de léxico, enciclopédia ou outros tipos de compêndio.

A mais antiga obra considerada como um tipo de tesouro (no supracitado sentido amplo do termo) da qual se tem notícia foi identificada em uma indicação relativamente vaga. Tal indicação foi obtida de uma obra do começo do século XX, que atualmente encontra-se em domínio público e disponível na *internet*, encontrada em um levantamento feito no início desta pesquisa, sem pretensões de atingir um grande rigor historiográfico e exposta neste trabalho apenas para fins de curiosidade. Trata-se do chamado *Amarakosha* ou *Amara-Xosha*, que em sânscrito significa “tesouro de Amara”. Consiste em um vocabulário em sânscrito com dez mil palavras, dividido em três livros e às vezes conhecido como *trikanda*, que em sânscrito significa “tripartite” ou “em três partes”. Seu autor foi Amara Sinha, poeta e gramático nascido na Índia por volta do ano de 375 e conhecido graças a relatos do chinês Xuanzang (CHISHOLM, 1911).

Há ainda que se considerar o caso de duas obras distintas que foram identificadas nesta pesquisa, ambas escritas em latim e de título *Thesaurus Philosophorum*. A primeira, do autor Aganafat, que viveu entre os séculos XIII e XIV, foi editada como uma espécie de guia de regras e diretrizes na arte do debate, preservada em dois manuscritos escritos em latim e guardados na cidade de Praga (DAIBER, 2008).

Uma outra obra, publicada sob o título de *Thesaurus philosophorum, seu, Distinctiones et axiomata philosophica*, do escolástico Georg Reeb, é um dicionário em latim de termos filosóficos, semelhante aos dicionários filosóficos de hoje em dia, como por exemplo o de Abbagnano (2007). Reeb foi professor de filosofia, teologia e casuística na universidade de Dillingen, ao sul do território físico que hoje corresponde à Alemanha, onde exerceu também o cargo de reitor entre os anos de 1635 e 1640 (“Georg Reeb (1593-1662) / 18 titles, 40 vols. | PRDL”, [s.d.]) (“Reeb, Georg 1593-1662 [WorldCat Identities]”, [s.d.]).

Sobre os autores, Aganafat, Reeb e Amara Sinha, bem como de seus respectivos *thesauri*, as informações disponíveis são escassas e relativamente vagas. Ressalta-se por via deste trabalho a necessidade de historiografias mais detalhadas dos mesmos, dada sua importância histórica, bem como de resenhas críticas de seus respectivos trabalhos. Deve-se

também considerar tais autores e suas respectivas obras como matéria relevante em um âmbito de história do livro e da documentação de maneira geral. Além destes, decerto há outros casos que merecem ser levados em conta no que concerne à história das publicações em forma de compêndios, léxicos, vocabulários etc.

O que se sabe ao certo é que nenhum desses casos corresponde rigorosamente, no que concerne à função ou estrutura, ao principal significado do termo 'tesauro' considerado nesta pesquisa. Nesse sentido, há que se considerar ainda a obra publicada em 1532, de autoria de Robert Estienne e intitulada *Thesaurus linguæ Latinæ*, uma espécie de dicionário de latim; juntamente com o *Libro de los Epítomes* e o *Libro de Materias e Propositiones* de Hernando Colón, publicados em 1561, que são destacados por Currás (1995) como exemplos de obras que contêm classificações sistemáticas, característica importante que os conectam a ferramentas documentárias da biblioteconomia na contemporaneidade.

Em *Tesauros: linguagens terminológicas*, Currás (1995) conecta a história dos tesauros à evolução histórica de algumas disciplinas como a terminologia e a terminografia, bem como à crescente insuficiência dos sistemas facetados e hierárquicos da época na tarefa de gestão da informação e demandas de seus usuários; questão que buscou-se resolver voltando-se a iniciativas do passado, dentre as quais destacam-se as de Hernando Colón e Charles Estienne; surge aí o *thesaurus*, posteriormente 'tesauro' para controle terminológico aplicado aos processos documentários.

### 3.6 A INFORMAÇÃO FILOSÓFICA

A explosão documental, anteriormente mencionada neste trabalho, encontra-se amplamente refletida na produção intelectual no escopo da filosofia. Configurada em forma de texto escrito ou conteúdo audiovisual, a informação filosófica que não está contida na memória de seres humanos pode ser encontrada em uma miríade de suportes físicos ou 'mídias', como livros, periódicos, teses, cds, dvds, fitas cassete ou VHS e assim por diante. Cunha e Cavalcanti (2008, p. 352) definem suporte como "Objeto material, ou dispositivo, sobre o qual, ou no qual se encontram representados os dados ou informações".

No entanto, definir suporte em termos de objeto material ou dispositivo não parece dar conta do que parece ser um outro tipo de suporte, o suporte digital. Isto é, blogs, redes sociais, e formatos de arquivo eletrônico, como o PDF, o MP3, arquivos de vídeo como o WMV, AVI e tantos outros exemplos que, contendo informação, talvez possam ser entendidos como



suportes informacionais (“Categoria: Formatos digitais – Wikipédia, a enciclopédia livre”, [s.d.], “File-28 Extensions.org - File extension library”, [s.d.], “FileInfo - The File Extensions Database”, [s.d.], “Sustainability of Digital Formats: Planning for Library of Congress Collections”, [s.d.]).

Ambos os tipos de suporte, físico e digital, possam talvez ser entendidos como etapas do suporte enquanto fenômeno. Na primeira etapa, o suporte é objeto concreto, palpável, suportado por prateleiras, estantes, gavetas, baús e caixas; algo que possui determinado peso e ocupa certo espaço, que requer dispêndio de esforço físico para ser transportado. Na segunda etapa, ganha qualidade de algo fluído, etéreo; torna-se algo que não pode mais ser segurado com as mãos, mas que mantém uma característica determinante para que se mantenha suporte: contém informação. Além disso, conserva a capacidade de transferir informação para o usuário através de seus sentidos, exatamente como o suporte físico.

Adicionalmente, pode-se atualmente observar evidências da existência de algo que poderia ser entendido como uma possível terceira etapa nesse fenômeno. Essa terceira etapa corresponderia a algo conhecido como ‘fluxo de mídia’, ‘transmissão contínua’, ou pelo termo mais comumente empregado, ‘*streaming*’ (OZER, 2011). É esse fluxo de mídia aquilo que o usuário utiliza quando acessa portais como o *Youtube*® (KELSEY, 2010).

Tratar da recuperação da informação filosófica, ou assunto filosófico, de forma eficaz envolve considerar, em algum momento, essa variedade de suportes físicos e digitais de variados graus de volatilidade. O que aumenta consideravelmente a complexidade de tal tarefa. O supramencionado fluxo de mídia reforça essa complexidade, na medida em que, diferente de suportes digitais convencionalmente obtidos via *download*, estocados em discos rígidos e eventualmente presentes em acervos de bibliotecas digitais, situam o usuário em contato com uma informação que está presente em algum suporte. Tal suporte, no entanto, não se trata de algo que o usuário ou a biblioteca de fato detenham ou possuam, seja enquanto objeto físico ou digital. Verifica-se empiricamente, ao se utilizar serviços oferecidos por portais da *internet* como o *Youtube*® ou o *Netflix*®, que a informação obtida via fluxo de mídia é acessada pela rede em tempo real. Sem *internet*, não há fluxo de mídia; se ela acabasse amanhã, a informação filosófica até então disponibilizada através de fluxo de mídia estaria, a priori, perdida. O que indica a necessidade de estocá-la em objetos digitais ou físicos que correspondam àquelas duas primeiras etapas do suporte enquanto fenômeno supramencionadas, a fim de conservar a informação.

Pode-se inicialmente assumir, ao menos para fins de discussão, a possibilidade de haver informação filosófica contida em exemplares de ao menos a maioria dos suportes físicos e digitais existentes, incluindo os supracitados. Isso age a favor do usuário de informação filosófica, mas somente no caso de lhe ser possível recuperar aqueles exemplares particulares que contenham as informações que lhe sejam úteis dentro do contexto de sua pesquisa, ou na solução de problemas e questões específicos na medida em que vão surgindo dentro de sua pesquisa. Algo que indica a necessidade de um fator de precisão que efetive a relevância ou revocação dos levantamentos bibliográficos feitos pelo usuário.

Outrossim, há que se considerar a localização. Determinados exemplares de suportes físicos podem ser de publicações de baixa tiragem, disponíveis apenas em certos acervos de sistemas de informação específicos. Artigos de periódicos de filosofia publicados exclusivamente em formato digital podem estar disponíveis apenas por intermédio de bases de dados acadêmicas, acessíveis apenas a partir de certas localidades físicas. Tudo isso pode interferir na revocação obtida pelo usuário de informação filosófica. Fica, com isso, reforçada a necessidade de uma indexação que possibilite ao usuário a recuperação imediata de informação filosófica, quando possível; quando essa imediatez não for viável, ele deve ter sinalizado diante de si o caminho para a mediação da qual precisa.

Tudo isto conduz, inevitavelmente, à questão: o que é informação filosófica? Uma questão que, em si, é demasiadamente ampla para ser plenamente satisfeita neste trabalho. Pode-se, no entanto, notar que se trata de um conceito composto. Outros dois outros conceitos estão, portanto, em jogo: “informação” e “filosofia”. Segundo Cunha e Cavalcanti (2008, p. 201), a informação pode ser tida como “registro de um conhecimento que pode ser necessário a uma decisão”. Fala-se também de informação enquanto “prova que sustenta ou apoia um fato”, ou ainda enquanto “registro de um conhecimento para utilização posterior” e também como “coleção de símbolos que possuem significados”. Para obter-se uma aproximação, portanto, do que seria exatamente uma informação filosófica, pode-se talvez combinar essas definições à qualidade de algo filosófico. Esta qualidade por sua vez conduz à necessidade de definir-se o significado de filosofia, o que Abbagnano (2015, p.442-457) explica em mais de dez páginas. A qualidade daquilo que é filosófico, portanto, é matéria de demorada ponderação, de tal modo que oferecer definição objetiva a esse respeito não parece ser pretensão apropriada para este trabalho. Mas além dos suportes que podem possivelmente conter a informação filosófica, talvez para entendê-la melhor seja útil considerar os tipos de termos que lhe são relativos.

O léxico filosófico é bem particular, na medida em que se vale de expressões que são, em muitos casos, etimológica e filologicamente idênticas ao discurso cotidiano comum. Ao mesmo tempo, tornam-se imbuídas de sentidos distintos daqueles que lhes seriam óbvios ou imediatos em contextos não-filosóficos, atingindo com isso um grau mais elevado de sofisticação conceitual e rica carga semântica, historicamente aglomerada. É essa aglomeração de significados possíveis que configura o fenômeno polissêmico da linguagem filosófica. Nesse contexto, pode-se talvez entender as palavras como análogas às alavancas de uma locomotiva, que são semelhantes em aparência, mas distinguem-se em suas respectivas funções, bem como nas formas e momentos nos quais devem ser manuseadas.

Tem-se com isso, tal como defende Wittgenstein em *Investigações Filosóficas* (1979) que é o uso dado a certo termo que determina seu sentido. Mazzochi e Tiberi (2009) consideram a utilidade na aplicação da teoria dos jogos de linguagem, oriunda da filosofia de Wittgenstein, na resolução de dificuldades devidas a essa natureza abstrata e polissêmica dos termos filosóficos. Sua conclusão é que o estabelecimento de sentidos aos termos se dá de forma mais satisfatória em um tesouro filosófico de orientação mais específica, isto é, em consideração de um período específico na história da filosofia, ou ainda de uma escola específica de pensamento filosófico.

Além dessas características, a informação pode ser identificada como informação filosófica quando contém as chamadas entidades filosóficas, explicadas a seguir.

### **3.7 AS ENTIDADES FILOSÓFICAS**

Entidades filosóficas podem talvez serem consideradas como as partes constituintes da informação filosófica, aquelas que darão vida aos termos contidos em um vocabulário controlado construído para representação e recuperação da informação filosófica. Segundo Grenon e Smith (2011), essas entidades são os conceitos (por exemplo, o conceito de tempo), as proposições (por exemplo, “o tempo é uma intuição *a priori*”), as teorias (como a teoria kantiana acerca do tempo), os argumentos (como, por exemplo, os argumentos da Estética Transcendental da *CRP* acerca da aprioridade do tempo) e o método (por exemplo, o método analítico, ou o método dialético). Estas entidades filosóficas, juntamente com subcampos da filosofia (metafísica, epistemologia e outros), filósofos e grupos de filósofos consistem nas entidades encontradas no que Grenon e Smith (2011) consideram como as entidades presentes no domínio filosófico.

### 3.8 TESAuros ESPECIALIZADOS EM INFORMAÇÃO FILOSÓFICA

Para o bibliotecário ou profissional da informação incumbido da tarefa de indexar obras de filosofia ou preparar um tesouro voltado para esse fim, tudo indica que dificuldades ímpares o aguardam. Em 1973, no *Canadian Journal of Philosophy*, Murray e Zeman sustentam argumentos nesse sentido, a começar pela constatação de que não há nem um tesouro perfeito, nem uma estrutura categorial normalizada disponível para esta atividade específica. Com isso, técnicas de recuperação da informação que normalmente seriam aplicadas sem problemas a outras matérias de conhecimento acabam por ser inadequadas quando o objeto da pesquisa é a informação filosófica. No entanto, por mais que a informação filosófica possua características que a destaquem dos demais tipos de informação, requerendo com isso um cuidado especial da biblioteconomia, a orientação refletida por Murray e Zeman (1973) não parece fazer jus rigoroso ao potencial do tesouro na resolução de problemas de terminologia.

Mazzochi e Tiberi (2009) apontam que um tesouro de filosofia precisaria levar em conta que certos termos nele contido possuem vários sentidos possíveis, acumulados ao longo de um extenso processo histórico-semântico; corresponderiam na prática a variados conceitos filosóficos, advindos de diferentes planos de fundo teóricos, como por exemplo o racionalismo, o empirismo, o pragmatismo, o historicismo e assim por diante. Isso reflete uma preferência da filosofia em apoiar-se no conjunto de palavras presentes no discurso comum, ao contrário de áreas como a biologia ou a química, que dispõem de linguagem própria, rica em expressões técnicas, de significado mais restrito.

Quando da elaboração deste trabalho, não foram identificadas linguagens documentárias especializadas em filosofia elaboradas em língua portuguesa. Na língua inglesa, destacam-se o tesouro do *Philosopher's Index* e o *Library of Congress Subject Headings in Philosophy: A Thesaurus*. Outros tesouros dos quais se trata adiante são o *Tesouro Especializado em Filosofia, com Enfoque de Género*, o *Information Retrieval Thesaurus in the field of philosophy* e outro, intitulado *Vocabulário Controlado de Filosofia*. Mais adiante será discutida ainda a questão das linguagens documentárias denominadas ‘ontologias’. Note-se que obras mencionadas anteriormente nesta pesquisa, como o *Amarakosha* ou o *Thesaurus philosophorum* não constam neste trecho desta revisão de literatura, por não se tratarem de tesouros enquanto vocabulários controlados construídos para fins de recuperação da informação, mas sim de obras que empregam o termo “*thesaurus*” em outro sentido.

### 3.8.1 Philosopher's Index Thesaurus e Library of Congress Subject Headings in Philosophy:

#### A Thesaurus

O *Philosopher's Index*, originalmente um índice de periódicos de filosofia, foi criado em 1966 pelo Dr. Richard H. Lineback e sua história é concomitante com a do *Philosopher's Information Center* e *Philosopher's Documentation Center*, organizações que têm sido tanto proprietárias quanto publicadoras do *Philosopher's Index* desde 1967. Hoje encontra-se disponível em forma de base de dados bibliográfica *online* e dele foi derivado o *Philosopher's Index Thesaurus* (OLOFSSON, [s.d.]; "Philosopher's Index, The", [s.d.]). Sua autoria é creditada a Kelly M. Broughton e editado pelo *Philosophy Documentation Center*.

O *Library of Congress Subject Headings in Philosophy: a Thesaurus* foi compilado a partir da lista de cabeçalho de assuntos publicada pela *Library of Congress*. Assim como o *Philosopher's Index Thesaurus*, foi publicado pelo *Philosophy Documentation Center*. Barbara L. Berman é creditada como editora.

Ambos foram identificados como os principais tesouros especializados em filosofia construídos em língua inglesa. Entretanto, quando realizada esta pesquisa, não foi possível o acesso a nenhum dos dois, de forma a analisá-los de forma adequada. Tal impossibilidade deveu-se ao fato de não se tratarem de conteúdo de livre acesso e por não estarem disponíveis em nenhuma base de dados ou acervo de biblioteca consultados. Uma exposição mais detalhada das dificuldades nesta pesquisa será realizada mais adiante.

### 3.8.2 Tesouro Especializado em Filosofia, com Enfoque de Género

Criado em 2007 na Universidade de Costa Rica, trata-se de um tesouro de livre acesso hospedado no portal e disponível na interface gráfica do *software Tematres*. Conta com 352 termos e se destaca por ser um tesouro com dois temas, filosofia e teoria de género, aparentemente equiparados em importância; é a impressão que se obtém mediante um olhar panorâmico sobre seus termos e respectivas relações.

Algumas dessas relações entre termos parecem conter instâncias de um viés reducionista e que compromete um princípio de objetividade científica. Por exemplo, o termo 'Poder', que tem sido tema discutido por incontáveis autores de todos os períodos da história da filosofia, contém apenas um TG (Termo Geral): Patriarcado. Isso parece conduzir à noção de que o poder e relações de poder na sociedade são necessariamente uma instância de diretrizes ou instituições patriarcais. Isso traz o problema de restringir a questão do poder à faceta

específica da teoria de gênero, excluindo outras facetas relevantes. Ao assumir 'Poder' como necessariamente uma expressão de patriarcalismo, a impressão é a de que se afirma que o patriarcado é responsável pelas relações de poder entre classes, etnias, nacionalidades; um pressuposto que precisaria de fundamentação detalhada e consistente para ser aceito, mesmo que somente para fins de representação e recuperação da informação.

Outro termo, '*relaciones de poder*' (relações de poder) contém um TE (Termo Específico): '*mujeres agresoras*' (mulheres agressoras), sendo que a rigor, 'homens agressores' poderia, aparentemente, figurar também como TE de 'relações de poder'. Embora esteja formalizada no tesauro a relação TR entre 'homens agressores' e 'mulheres agressoras', o fato de 'homens agressores' não estar formalizado como TE sob o TG 'relações de poder' juntamente com 'mulheres agressoras' pode ser uma falha que comprometa uma representação de assunto acurada e demonstra ser uma evidência de que uma análise mais rigorosa talvez identifique uma insuficiência de rigor conceitual e metodológico. Um problema que parece figurar no manual disponível do tesauro.

A Universidade do México disponibiliza um sítio na internet com breve manual (BARQUERO, 2007) acerca de estrutura e uso, além de listagem alfabética, sistemática e de termos principais ou termos 'top' (que compõem o alto da hierarquia relacional de termos, ou seja, os termos mais gerais para os quais não há instâncias de TG). Infelizmente, tal manual não fornece informações importantes, tal como o número de termos que compõem o tesauro no total.

Outra ausência notada é de uma explanação clara e objetiva de escolhas feitas pela autora do tesauro, em um sentido metodológico e conceitual, que ajudem a explicar particularidades na estrutura relacional entre os termos do tesauro, como nos casos supracitados.

De toda forma, essa determinação temática parece se justificar na medida em que a teoria de gênero e o movimento feminista têm aumentado sua importância na sociedade ao longo do século passado até os dias de hoje. Esse evento histórico tem sido marcante no âmbito da filosofia e isso pode ser percebido através de importantes expoentes como Simone de Beauvoir ou Judith Butler.

Essas duas autoras são exemplos através dos quais pode-se constatar que muitas das particularidades previamente apontadas nesta pesquisa acerca da informação filosófica operam de modo expressivo quando essa informação trata especificamente de suas obras ou de suas pessoas enquanto assunto.

Uma consulta à base de dados académicas *Jstor*® feita em 17/10/2017 com o termo de pesquisa ‘Simone de Beauvoir’ revelou um total de 2.826 resultados, enquanto uma segunda pesquisa, usando como termo o título de sua obra mais conhecida, *O Segundo Sexo*, recuperou um total de 94.366 resultados. O mesmo feito com o termo de pesquisa ‘Judith Butler’ conduz a um total de 8.452 resultados.

Pode-se talvez argumentar, ainda, que certos hábitos na linguagem filosófica denunciam um viés sexista; por exemplo, a comum equivalência entre os termos ‘homens’ e ‘seres humanos’, uma ocorrência recorrente na literatura filosófica, que pode criar no leitor uma sensação de se que se trata de uma literatura “de homens para homens” enquanto impõe às mulheres a condição de ‘o outro’ (BEAUVOIR, 1980, p. 10). Isso talvez influencie na recuperação e representação da informação de modo importante e que deva ser levado em conta no futuro.

Adicionalmente, a iniciativa de tesouros como esse parece servir às necessidades apontadas por Eggert (1992, p. 13, apud CARIBÉ; PINTO; DIOGENES. 2015, p. 420), segundo o qual certo aperfeiçoamento do país depende de medidas que visem combater problemas como o preconceito, o analfabetismo e a ignorância de um modo geral. Caribé, Pinto e Diogenes (2015) reforçam a necessidade de a biblioteconomia oferecer contribuições nesse sentido, pelo intermédio das bibliotecas e centros de informação; tesouros como esse especializado em gênero, se melhorados e disponibilizados *online*, complementados por taxonomias e outros recursos de valor didático, podem dar um passo além, valendo-se da via da *internet* para atender essas necessidades.

### 3.8.3 The Information Retrieval Thesaurus in the field of philosophy

O *Institute of Scientific Information on Social Sciences* da *Russian Academy of Sciences* possui robusta base de dados de informação filosófica. Para melhor operá-la, conta com duas ferramentas linguísticas para auxiliar em buscas e processamento de conteúdo, a *List of Subject Categories of the INION Rubricator* ou Lista de Categorias de Assuntos do Rubricador Inion (tradução nossa) e o *Information Retrieval Thesaurus in the field of philosophy* ou Tesouro de Recuperação de Informação no campo da filosofia (tradução nossa).

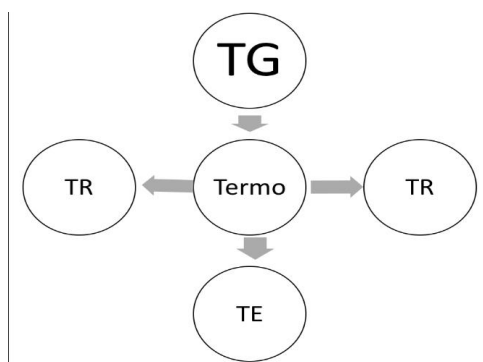
Este tesouro é resultado de atividades relativas ao processamento de dados e assuntos de documentos de literatura filosófica da biblioteca do *INION*, por um período em torno de cinquenta anos. Encontra-se disponível em formato impresso e em formato digital, distribuído

em cds, dvds (em uma versão mais completa, com algo em torno de 3300 conceitos) ou *online* (SHEMBERKO; SLIVA, 2012).

A estrutura terminológica e conceitual do tesauro, bem como seu escopo, são obtidos, em grande medida, a partir de ideias acerca da constituição do conhecimento científico contidas em literatura filosófica processada pela *Fundamental Library of INION* (SHEMBERKO; SLIVA, 2012).

A estrutura relacional entre termos desse tesauro parece relativamente simples, na medida em que só prevê relações hierárquicas (BT e NT) e de equivalência (RT) (ver figura a seguir):

**Figura 1- exemplo de estrutura relacional de um termo do tesauro**



Fonte: elaboração própria

Na figura acima, as flechas indicam a direção na qual se dá a relação hierárquica: de cima para baixo, do termo geral, acima na hierarquia, para baixo, até o termo específico. E para os lados, do termo até seus termos relacionados.

Usando esse tesauro, garante-se uma agregação suficiente de documentos afins dentro do sistema? Shemberko e Sliva (2012) parecem crer que sim. Eles mencionam a dificuldade em se obter uma estrita diferenciação entre termos ou conceitos e sustentam que relações do tipo geral-específico (BT e NT) ou de equivalência (RT) são suficientes para o processamento tanto dos documentos quanto das pesquisas que entram no sistema de informação, deixando de lado características mais específicas ou tipos mais intrincados de relação, como por exemplo as partitivas (SHEMBERKO; SLIVA, 2012, p. 191).

Não é possível verificar se é o caso, mas a esse respeito surge a questão já previamente mencionada neste trabalho: é possível o princípio da polissemia operar em alguns desses termos, gerando ruído? No caso do tesauro da base INION, uma solução parece se apresentar na forma dos chamados *descriptors in the document search specifications* (descritores nas



especificações da pesquisa pelo documento - tradução nossa). Shemberko e Sliva (2012) mencionam três códigos para descritores de aspecto; C para buscas em nível de país, M para buscas em nível internacional e T para buscas em nível de aspecto teórico. Ademais, sustentam que esses descritores possibilitam desambiguação de objetos de estudo, que na filosofia podem ser vistos “de diferentes ângulos”.

Em adição aos descritores de aspecto, quando o objeto de tratamento informacional são livros e similares, como enciclopédias e outros, é utilizado, nesse contexto, como recurso importante na criação de registros bibliográficos, a linguagem extraída de um catálogo de assuntos. Até 2012, este catálogo ainda não existia em formato eletrônico. No entanto, Shemberko e Silva (2012, p. 192) apontam a possibilidade trazida por esse recurso de ‘descritores de assunto’ de proporcionar “busca por livros em uma profundidade retrospectiva maior que aquela da base de dados para filosofia”.

Contudo, mesmo não sendo possível avaliar a eficácia desses recursos em primeira mão, por esse tesouro não estar disponível para análise direta nesta pesquisa, um problema aparente é talvez o fato desse recurso não parecer intuitivo e propriamente adequado para manipulação direta de um usuário. De fato, trata-se de uma impressão que não pode ser empiricamente verificada, mas talvez seja possível inferir que tal como se configura, esse sistema de recursos relacionados ao tesouro da base INION imponha, em certa medida, a necessidade de pesquisa *in loco* e uma dependência excessiva do usuário em relação ao profissional da informação, não fazendo uso suficiente das potencialidades do advento tecnológico da informática, da internet e de interfaces gráficas amistosas ao usuário leigo.

#### 3.8.4 Vocabulario Controlado de Filosofía

À Faculdade de Filosofia e Letras da *Universidad Nacional de Cuyo*, na Argentina, é creditada a autoria desse vocabulário controlado, feito no fim do ano de 2004. Em alguns endereços da internet é definido como tesouro (FACULTAD, 2004). Em outros, é apontado que, embora possa ser utilizado para fins de indexação, ele não possui a pretensão de ser um tesouro (“Vocabulario Controlado de Filosofía | BARTOC.org”, [s.d.]). De toda forma, conta com 643 termos, 3676 relações e 12 termos equivalentes. Portanto, possui uma estrutura lexical e relacional que, de maneira geral, pode-se considerar compatível com a definição de tesouro dada pela norma técnica da ISO dedicada a formulação e manutenção de tesouros (ISO 25964, 2011).

Esse tesauro esteve originalmente disponível com a interface gráfica do *software Tematres*, como no caso do *Tesauro Especializado em Filosofia, com Enfoque de Género*. No entanto, essa versão encontrava-se fora do ar quando da realização deste trabalho. Uma outra versão foi encontrada, com uma interface gráfica de qualidade inferior. Nela, a tela inicial exhibe os termos principais como na versão do *Tematres*; no entanto, ela não permite visualizar, na página inicial, os desdobramentos mais imediatos da estrutura hierárquica a partir dos termos principais, o que impõe ao usuário a verificação dessa estrutura um termo de cada vez, o que dificulta sua avaliação crítica.

De forma semelhante ao *Tesauro Especializado em Filosofia, com Enfoque de Género*, o tesauro é disponibilizado para acesso livre, o que atende um princípio de disseminação da informação. No entanto, trata-se também de outro tesauro que idealmente deveria ser acompanhado de um manual que explicitasse suas determinações metodológicas. Na falta de tal manual, algumas relações hierárquicas geram estranhamento.

O termo ‘*Academia*’, por exemplo, parece conter redundâncias em sua cadeia hierárquica. Um exemplo disso é que ele possui, dentre seus três TEs, o termo ‘*Academia Antigua*’, o que parece corresponder a uma categoria temporal de história da filosofia. Possui também um dentre vários TRs que aqui nesse contexto se faz notar, ‘*Crates de Atenas*’, termo que corresponde ao filósofo de mesmo nome, falecido em cerca de 268 a.c. (DORANDI, 1999, p. 48). Esse termo figura como TR, tanto de ‘*Academia*’ quanto de ‘*Academia Antigua*’. O que permite ao usuário a certeza de que não está diante de uma redundância desnecessária?

O termo ‘*Academia*’ em si contém forte carga polissêmica. Dentre seus possíveis significados, dado o contexto, destaca-se ‘academia’ em um sentido mais geral, ou seja, o conjunto de instituições de ensino superior ou universitário. Mas é possível que se trate ainda da Academia Platônica, a qual frequentemente é referida apenas por ‘academia’ e onde estudaram indivíduos como Aristóteles. Há, portanto, um problema de desambiguação insuficiente no termo.

Como no tesauro com enfoque de gênero, isso sinaliza uma possível falta de rigor metodológico. De toda forma, é possível que tal manual exista, embora não esteja disponível para livre acesso, como é o caso do tesauro em si.

### 3.9 ONTOLOGIAS

#### 3.9.1 Ontologia na filosofia e ontologias na ciência da informação

Antes de se falar em ontologia, é importante esclarecer que esse termo se refere a objetos bastante distintos entre si quando justapostas às perspectivas da filosofia e das ciências da informação, isto é, possui carga polissêmica. Para seguir adiante, é imperativo elucidar essas diferenças, o que pode ser melhor efetivado evidenciando seus diferentes sentidos possíveis.

O termo ‘ontologia’ originou-se na filosofia e diz respeito ao estudo do ‘ser’ ou dos ‘entes’. De acordo com Abbagnano, trata-se da “ciência do ser enquanto ser”, ou ainda “doutrina que estuda os caracteres fundamentais do ser”. Era tida na obra de Aristóteles, juntamente com a teologia e a gnosiologia, como uma das três formas fundamentais da metafísica (ABBAGNANO, 2015, p. 768). No entanto não há, em filosofia, uma, mas sim muitas ontologias; não é incomum ouvir-se falar na ontologia heideggeriana por exemplo, a qual Heidegger equiparava à metafísica, enquanto que na obra kantiana o termo equivale a uma gnosiologia crítica (ABBAGNANO, 2015, p. 848).

Na ciência da informação, ontologia designa um tipo de vocabulário controlado. Foi previamente exposto neste trabalho o significado de tesauro, sua finalidade e estrutura. Pode ser útil, em um momento inicial, entender a ontologia como algo similar ao tesauro; uma outra linguagem documentária, que lhe seria um estágio além. Algo que eventualmente poderia ser considerado como um tipo mais rico de tesauro.

Sobre a diferença entre tesouros e ontologias, Currás indica que:

Nos tesouros se parte de uma ordenação de termos que o compõem, em hierarquias e relações semânticas e sintáticas. Nas ontologias, concebe-se a ordenação de uma maneira diferente, levando em conta certas peculiaridades e propriedades dos termos (2010, p. 42).

Este princípio explanado por Currás permite, na prática, que o desenvolvedor de determinada ontologia crie os tipos de estrutura que ela deve conter a partir das propriedades intrínsecas de seus termos, o que pode proporcionar maior liberdade que os tipos de relação previstos no tesauro, já previamente estabelecidas. Uma hipótese possível é a de que essa

característica proporcionaria, no caso da filosofia, uma representação mais detalhada e acurada da informação.

### 3.9.2 Ontologia, enquanto linguagem documentária, especializada em filosofia

Como já foi previamente exposto nesta pesquisa, linguagens documentárias especializadas em filosofia são uma ocorrência rara; é o caso de tesouros especializados em filosofia, mas mais ainda o caso de ontologias especializadas em filosofia. A própria ontologia é ainda um recurso de ciência da informação pouco conhecido e empregado no Brasil, muito ligado à programação e lógica.

Foram identificadas, no entanto, duas ontologias, desenvolvidas em língua inglesa, voltadas à informação filosófica. A primeira chama-se *InPho (Indiana Philosophy Ontology)* e pode ser vista na *internet* (“InPhO - The Indiana Philosophy Ontology Project”, 2013), no endereço <https://inpho.cogs.indiana.edu/> (acesso em 16/11/2017).

A outra *Philo*, é uma ontologia apresentada por Grenon e Smith que, em seu desenvolvimento, emprega aspectos de metodologia filosófica (2011, p. 186). Embora existam ontologias construídas a partir de técnicas de processamento automático de linguagem natural, não é o caso dessa ontologia, que conta exclusivamente com a inserção manual de dados feita por pessoas. Essa aplicação de técnicas inspiradas em metodologia filosófica por um arquitetador humano busca controlar a ocorrência de ambiguidade e reduzir ao máximo eventuais erros na representação da informação advinda da área do conhecimento em questão, bem como maior coerência nas relações entre as entidades ali contidas. Grenon e Smith sustentam que, através desse procedimento, obtém-se uma representação melhor preparada para dar suporte ao raciocínio lógico (2011, p. 189).

Grenon e Smith (2011) enumeram certas diretrizes básicas importantes na construção dessa ontologia; o ‘realismo’, que determina que sejam usadas entidades de primeira ordem da filosofia; ‘relevância e modularidade’, que estabelece que as entidades contidas na ontologia sejam exclusivamente do campo da filosofia, ao mesmo tempo em que atendam uma necessidade posterior, que porventura surja, de inserir tal ontologia em um sistema composto com outras ontologias de temáticas próximas à filosofia, tais como teologia ou história; ‘oportunismo maximizado no uso de recursos’, que conduz a considerações empíricas sobre quais ferramentas, tais como tesouros ou livros de filosofia, devem auxiliar na construção da ontologia, sem que o atrito entre diferentes pontos de vista comprometam sua coesão;

‘neutralidade filosófica’, que traz a necessidade de abrigar diferentes visões filosóficas, sem que se busque resolver ou engajar em discussões e controvérsias que lhes sejam relacionadas; finalmente, há a ‘revisibilidade da representação’, que cria a possibilidade de eventuais correções e melhoramentos que reflitam mudanças que possam ocorrer no objeto representado pela ontologia.

Em seu corpo conceitual, a ontologia descrita por Grenon e Smith (2011) se ampara amplamente no conceito previamente exposto de entidades filosóficas, obtendo delas grande parte de seus termos e suas relações. Quando não parte delas, um termo qualquer da ontologia pode refletir um campo filosófico, como a epistemologia, ou a pessoa de um filósofo específico, ou ainda um determinado grupo de filósofos. Apesar de não se tratar de um tesouro, pode-se eventualmente observar na ontologia certas instâncias de hierarquia entre termos. Por exemplo, na forma de ramos ou subdisciplinas.

Para formalizar a estrutura relacional contida na ontologia *PhilO*, refletem-se princípios advindos da lógica predicativa de primeira ordem (2011). Trata-se de uma via útil para obter representação condensada e acurada de algumas relações possíveis em tal linguagem documentária, que vão além das costumeiras relações encontradas em um tesouro. Para ilustrar o processo presente nessa ontologia, adota-se séries coordenadas de caracteres romanos maiúsculos e minúsculos para nomear constantes, por exemplo, ‘Filosofia’, bem como ‘FilosofiaDaMente’. Enquanto isso, predicados são representados por sequências de letras em itálico, como ‘*disjunção*’ ou ‘*instânciaDe*’.

Grenon e Smith (2011) destacam o exemplo da relação de instanciação para proporcionarem uma introdução satisfatória da estruturação de tais relações. Instanciação, no caso, pode ser entendida como a relação entre uma classe, ou categoria, e um indivíduo. Com isso, a relação entre a classe ‘Pessoa’ e o indivíduo ‘Kant’ seria representada por ‘*instânciaDe*(Kant, Pessoa)’, o que em termos literais equivale à afirmação em linguagem natural “Kant é uma instância da classe ‘Pessoa’” ou ainda “Kant é uma pessoa”.

Outra relação importante destacada (2011) e que talvez possa ser entendida como uma espécie de “próximo nível” da relação de instanciação é a relação de subsunção, na qual observa-se certa similaridade com a primeira; do mesmo modo como tem-se relação de indivíduo para classe, a subsunção representa relação de uma classe para uma outra classe mais abrangente, representada pelo predicativo ‘*subcategoriaDe*’. Em termos da linguagem da lógica clássica, a formalização dessa relação é feita como demonstrado a seguir:

$$\textit{subcategoriaDe}(x, y) \leftrightarrow \forall z(\textit{instânciaDe}(z, x) \rightarrow \textit{instânciaDe}(z, y))$$

Na notação lógica acima, encontra-se a relação contida, por exemplo, entre ‘conceito’ e o grupo das entidades filosóficas (como discutido anteriormente nesta pesquisa, ‘conceito’ é uma entidade filosófica). Seu equivalente em linguagem natural seria algo como “‘x’ é subcategoria de ‘y’ apenas se, sempre que ‘z’ for instância de ‘x’, seja também instância de ‘y’”.

Caso necessário, tal relação pode ser expandida, de modo a considerar a eventualidade de subsunção entre campos da filosofia:

$$\begin{aligned} & \text{subcampoDe}(x,y) \rightarrow (\text{instânciaDe}(x, \text{campoFilosófico}) \wedge \text{instânciaDe}(y, \text{campoFilosófico})) \\ & \neg(\text{subcampoDe}(x,y) \wedge \text{subcampoDe}(y,x)) \\ & (\text{subcampoDe}(x,y) \wedge \text{subcampoDe}(y,z)) \rightarrow \text{subcampoDe}(x,z) \end{aligned}$$

Na notação lógica acima, parte-se do pressuposto de que ‘x’, ‘y’ e ‘z’ são campos da filosofia; disso se segue que se ‘x’ for subcampo de ‘y’, o contrário não é verdadeiro. E se ‘x’ for subcampo de ‘y’ e ‘y’, por sua vez, for subcampo de ‘z’, então ‘x’ deve então ser considerado automaticamente como também um subcampo de z.

Outro tipo de expansão possível ocorre na subsunção entre conceitos. Se for considerada, por exemplo, a relação que existe entre o conceito kantiano de ‘intuição pura’ e o subconceito ‘tempo’ (em Kant, ‘tempo’ e ‘espaço’ são considerados os dois tipos de ‘intuição pura’), a relação entre ambos pode ser formalizada como se segue:

$$\begin{aligned} & \text{subconceitoDe}(x,y) \rightarrow (\text{instânciaDe}(x, \text{conceitoFilosófico}) \wedge \text{instânciaDe}(y, \\ & \text{conceitoFilosófico})) \wedge \neg(\text{subconceitoDe}(x,y) \wedge \text{subconceitoDe}(y,x)) \\ & (\text{subconceitoDe}(x,y) \wedge \text{subconceitoDe}(y,z)) \rightarrow \text{subconceitoDe}(x,z) \end{aligned}$$

Assume-se para fins de discussão que os termos ‘espaço’, ‘intuição’ e ‘intuição pura’ são conceitos (uma discussão acerca da relação entre conceito, intuição pura, tempo e espaço no âmbito da filosofia kantiana será feita mais adiante). Pode-se, então, substituir nessa notação lógica acima a variável ‘x’ por, por exemplo, a constante ‘espaço’; a variável ‘y’ por ‘intuição pura’; por fim, a variável ‘z’ equivale a ‘intuição’, que por sua vez nomeia o, ou corresponde ao conjunto composto pelos elementos ‘intuição empírica’ e ‘intuição pura’. Portanto se ‘espaço’ é um subconceito de ‘intuição pura’ então ambos, ‘espaço’ e ‘intuição pura’ correspondem a instâncias de conceitos filosóficos. Se ‘espaço’ é subconceito de ‘intuição pura’, então o contrário (‘intuição pura’ como subconceito de ‘espaço’) não é verdadeiro. E se

‘espaço’ é subconceito de ‘intuição pura’ e ‘intuição pura’ é, por sua vez, subconceito de ‘intuição’, então ‘espaço’ é por sua vez, ele também, subconceito de ‘intuição’.

Adicionalmente, quando há relação entre duas classes que não compartilham entre si alguma instância, é usado o predicativo ‘*disjuntoDe*’ (que não deve ser confundido com a operação lógica de disjunção, representada pelo símbolo ‘ $\vee$ ’):

*disjuntoDe*(Pessoa, GrupoDePessoas, CampoFilosófico)

Estes são alguns exemplos de relações que podem ser encontradas em ontologias como a *PhilO*. Há outras preexistentes e a inserção gradual de novos termos e relações é algo admitido pelo supracitado princípio da ‘revisibilidade da representação’.

Essas operações lógicas supramencionadas, embora requerentes de um estudo da lógica clássica enquanto pressuposto e, portanto, menos benéficas para um entendimento intuitivo e imediato de um profissional da informação, possuem certo caráter de universalidade e potencial para transcender barreiras relativas ao idioma. Além disso, beneficiam a leitura e processamento por parte de máquinas, o que, em consideração ao advento da informática e da *internet*, cada vez mais reforça-se como algo imperativo. Tratam-se de estruturas lógicas como as comumente encontradas na linguagem *Prolog*, criada nos anos 1970 e muito utilizadas para a programação de inteligências artificiais. Mas, também, potencialmente útil para as mais diversas tarefas relativas à arquitetura da informação (KOWALSKI, 1978 apud ARAUJO, 2015). Dentre tais tarefas, encontra-se a construção e gerenciamento de linguagens documentárias. Tendo isso em vista, linguagens documentárias como a ontologia *PhilO* merecem atenção especial, bem como as relações lógicas nelas contidas.

Considerando-se todos esses elementos descritos, no entanto, pode-se constatar que, comparadas aos tesouros, ontologias são significativamente mais complexas e podem demandar treinamentos mais longos e desafiadores.

Isso inevitavelmente conduziria a reflexões acerca da formação do profissional da biblioteconomia, demasiadamente amplas para serem tratadas neste trabalho. Fica, no entanto, sugerida a questão: o que é mais importante, uma excelência que imponha rigor e exaustividade em matérias de biblioteconomia, ou uma simplicidade que lhes proporcione maior acessibilidade?

### 3.10 TAXONOMIAS

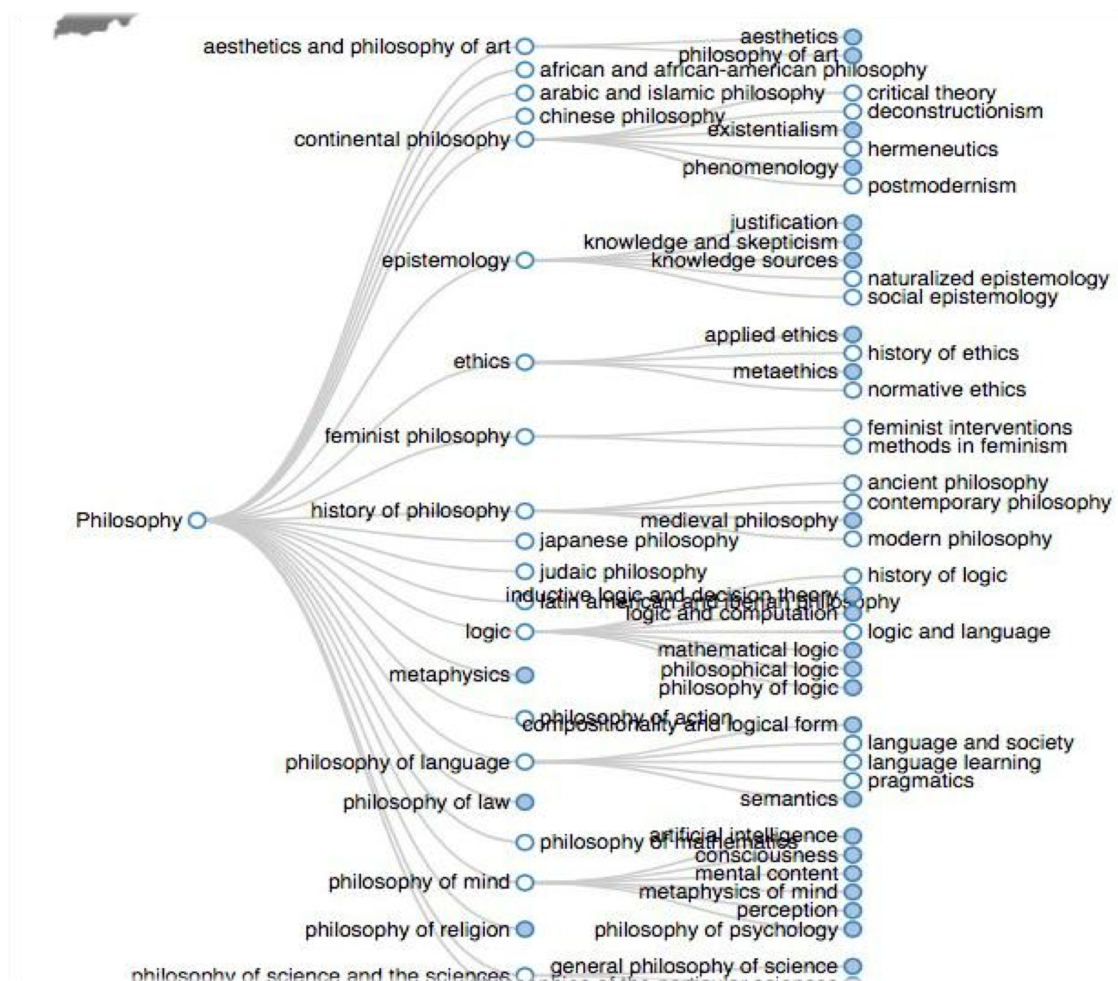
Constituindo-se, por si só, em um objeto de estudo bastante amplo e que poderia sozinho ser o assunto de muitos trabalhos e pesquisas mais extensos que este, não se pretende por meio deste oferecer exposição detalhada da história e elementos relativos ao conceito de taxonomia. No entanto, indicações acerca do significado do termo ‘taxonomia’ se fazem necessários, devido ao fato de que esta pesquisa se ampara amplamente em um recurso de representações gráficas com estrutura taxonômica para exposição e explicação dos dados relativos ao modelo de tesouro filosófico.

De acordo com Currás (2010, p. 58), o termo ‘taxonomia’ tem sua origem derivada do grego clássico, na combinação das palavras *taxis*, que significa ‘ordenação’ e *nomia*, que é o equivalente de ‘lei’. O próprio termo ‘taxonomia’ é dotado de um processo histórico, no qual observa-se variações no seu sentido (2010, p. 55). A estrutura taxonômica é sustentada por uma unidade mínima de classificação, denominada ‘táxon’ (2010, p. 59).

Currás enumera algumas definições, dentre as quais constam “esquema de navegação ordenado hierarquicamente” e “aplicação *web* para gestão de linguagens documentárias” (2010, p. 68). Estas serão as definições adotadas para esta pesquisa. Na figura 2, pode-se observar um exemplo de representação gráfica de conhecimento filosófico de estrutura taxonômica:



**Figura 2- exemplo de representação gráfica com estrutura taxônomica**



Fonte: <https://inpho.cogs.indiana.edu/taxonomy>

Nota-se que um esquema gráfico baseado em princípios taxonômicos, como na figura 2, pode eventualmente ser um modo viável e útil de representação da informação, particularmente daquela informação contida em vocabulários controlados de estrutura hierárquica, como os tesauros.

Adicionalmente, a partir de tais estruturas, é possível construir interfaces gráficas interativas para representação da informação, como algumas que se encontram hospedadas na internet. Um exemplo desse tipo de aplicação é encontrado na chamada *Philosopher's Web* (JONES, 2017; WEINBERG, 2017).

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é predominantemente teórico-metodológica, de objetivo explicativo e exploratório, amparada sobretudo em procedimento bibliográfico e aplicada ao fim de estabelecer um processo (PRODANOV; ERNANI, 2016) que possibilite gerar um tesouro de filosofia com alto grau de especialização, isto é, a partir de terminologia encontrada em trecho da obra de um filósofo específico. Portanto, este modelo de tesouro deverá divergir de outros tesouros já conhecidos, disponíveis em língua estrangeira, de outra orientação temática ou de abrangência mais geral.

Na parte referente à revisão de literatura, uma questão importante se destaca: quais linguagens documentárias, com destaque aos tesouros, dedicadas à informação filosófica, encontram-se disponíveis hoje e quais podem ser identificadas ao longo de sua história? Não se trata de uma questão trivial: seu nível de especificidade é alto e mesmo em língua inglesa é escassa a literatura a esse respeito.

Para satisfazê-la, foram consultados materiais das áreas de biblioteconomia e ciência da informação, como o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* (CUNHA; CAVALVALCANTI, 2008), livros como *Tesouro: linguagem de representação da memória documentária* (DODEBEI, 2002), *Information seeking and subject representation: an activity-theoretical approach to information science* (HJØRLAND, 1997) e as normas ISO 25964. Nas áreas de filosofia e história da filosofia, destaca-se em importância para a realização deste trabalho o *Dicionário de Filosofia* de Abbagnano (2015) e o *Dicionário de Obras Filosóficas* de Huisman (2002). Além disso, foram consultadas as bases de dados da Capes, IBICT, BRAPCI, NDLTD, Scielo, Proquest e Jstor, além do *Virtual International Authority File* (VIAF) para estruturar termos que devam corresponder a autoridades. Foi consultada ainda as bases de dados da *Post Reformation Digital Library* (PRDL) e da *Brill Online Reference Works* para obter algumas das informações de caráter mais histórico desta pesquisa. Portais e bases como o *Google Academics®* e *Wikipedia®* também foram mediações valorosas para obter-se acesso a informações contidas em outras fontes que, de outra maneira, não poderiam ser identificadas com facilidade.

A preferência é inicialmente por autores mais conhecidos e citados, bem como de artigos de periódicos que satisfaçam diretrizes avaliativas da CAPES, muito embora não tenha sido possível aplicar esse critério seletivo com rigor devido a essa especificidade supracitada. Uma dificuldade no presente trabalho foi a escassez de tesouros filosóficos existentes (mesmo

em língua estrangeira) e do acesso restrito aos principais tesouros filosóficos existentes, bem como de artigos e teses que tratem dos mesmos.

A obra selecionada para extrair os termos para o modelo de tesouro de filosofia especializado foi a *Crítica da Razão Pura*, de Immanuel Kant. Tal obra atende aos propósitos desta empreitada devido ao que seria sua posição relativamente ‘central’ na História da Filosofia; isto é, a sua relação intensa com temas filosóficos da antiguidade, da contemporaneidade e outras épocas; as muitas ligações possíveis entre ela e outras obras filosóficas; o grande volume de informação auxiliar gerada acerca dela; enfim, a preexistência de ampla literatura a seu respeito parece apontar a potencial utilidade do modelo de tesouro aqui proposto, além de auxiliar em sua confecção.

Os dados coletados nesta pesquisa são de dois tipos. Correspondem, em primeiro lugar, ao levantamento bibliográfico feito principalmente em livros e artigos de periódicos; em segundo aos termos empregados no modelo de tesouro, extraídos principalmente do texto da *CRP*, do *Dicionário Kant* (CAYGILL, 2000) e do *Dicionário de Filosofia* (ABBAGNANO, 2015). A rigor, ambos são tidos em metodologia de trabalho científico como dados secundários (PRODANOV; ERNANI, 2016) mas diferem-se no seguinte sentido: o primeiro tipo compõe a revisão de literatura e o segundo é componente direto do modelo de tesouro.

Os termos foram extraídos, portanto, do texto da própria *CRP*, do dicionário filosófico de Niccola Abbagnano (2015) e de outro especializado na obra de Kant (CAYGILL, 2000), bem como livros e artigos de comentadores (GARDNER, 1999; HÖFFE, 2005; GUYER, 2003; PERIN, 2008). Essa extração de termos e subsequente estruturação do modelo leva em conta, ainda, o levantamento bibliográfico acerca de outros tesouros preexistentes, as normas técnicas ISO 25964 e a literatura biblioteconomista que trata do desenvolvimento e manutenção de tesouros. Nesta revisão de literatura constam ainda algumas obras, mencionadas anteriormente nesta pesquisa, que tratam de aspectos da recuperação da informação, estudo de usuário e linguagens documentárias que contêm considerações importantes para o contexto deste trabalho.

As entidades filosóficas escolhidas para serem refletidas em termos descritores do modelo de tesouro foram os métodos e os conceitos. Nesta pesquisa foram desconsiderados para esse fim os outros tipos de entidades filosóficas, devido à complexidade necessariamente implicada na tarefa de se traduzir, por exemplo, um argumento filosófico inteiro, para a forma de termo descritor. Acredita-se, no entanto, que esse processo de tradução não apenas não seja

impossível, como possivelmente seja desejável, e reforça-se a necessidade em verificar tal hipótese em futuras pesquisas.

Para o arranjo do modelo, com sua ordenação alfabética e sistemática, incluindo as relações entre os termos coletados, foi usado o *software Tematres*. Trata-se de uma ferramenta que possui a vantagem de ser software livre para confecção de tesouros, relativamente fácil de operar e instalar. Para ser executado, o *Tematres* demanda que seja previamente instalado um servidor *web* que suporte *Apache* ou *PHP*. Para esse fim, foi escolhido, para proporcionar sua execução, o sistema denominado *MAMP* (acrônimo de *macOS*, o sistema operacional; *Apache*, o servidor *web*; *MySQL*, o sistema de gerenciamento de base de dados; *PHP*, *Perl* ou *Python*, as linguagens de programação) e que suporta ambos. No entanto, o *Tematres* possui também limitações importantes de serem notadas, das quais tratar-se-ão mais adiante.

Para exposição do modelo do tesouro, utiliza-se a taxonomia, no sentido de “folheio hierárquico” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 354) como recurso para representação gráfica da informação contida no modelo de tesouro. Para criação de tal representação gráfica, utilizou-se o programa *FreeMind*.

O método empregado, portanto, é principalmente o monográfico. Buscou-se no modelo de tesouro operar uma orientação sintética-analítica ou mista (GUSMÃO, 1985), devido à necessidade enfática que a informação filosófica traz consigo de se considerar a subjetividade contextualista que lhe é inerente em muitos casos. O tratamento informacional da filosofia requer, portanto, interpretação cuidadosa; contém, talvez, em si, ao menos em certa medida, características de atividade filosófica, na medida em que conduzem a ponderações de ordem ontológica, semântica, contextualista, histórica, lógica, etimológica, dentre outros tipos. Considerando a variedade existente de determinações epistêmicas possíveis, há que se ponderar se uma postura atomista (positivista) perante a noção de significado seria necessariamente a mais apropriada em tarefas de representação e recuperação de assunto.

Para redação e formatação do texto deste trabalho, foi utilizado o LibreOffice e Microsoft Office em um sistema macOS Sierra.

Finalmente, é importante destacar que antes da obtenção de resultados, a preocupação maior quando da feitoria deste trabalho foi a da prática de uma metodologia científica para fins de aprendizagem, tendo em mente as considerações de Prodanov e Ernani (2016, p. 44).

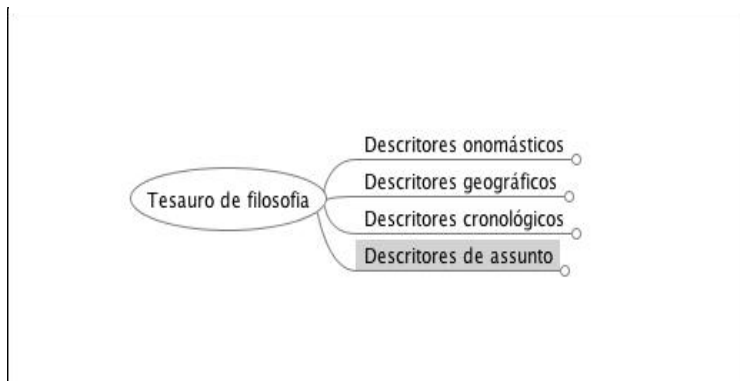
## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Antes de mais nada, pode ser útil justificar o seguinte: por que foi o tesauro, e não a ontologia, o tipo selecionado de vocabulário controlado para essa demonstração? Neste sentido operou a restrição importante de orçamento para a realização dessa pesquisa. O *software* utilizado para a confecção do vocabulário controlado precisava ser gratuito. Para isso, foram considerados o *Multites* e o *Tematres*, sendo que dos dois, o segundo se destacou por ser de acesso livre e irrestrito, ao passo que o primeiro opera como livre acesso somente durante o chamado *free-trial*, um período no qual o usuário lhe tem acesso gratuito, mediante autorização especial, apenas para caráter de avaliação sobre uma possível aquisição. Findo o prazo, a compra do programa *Multites* tornaria-se imperativa para dar segmento a este trabalho, de modo que o *Tematres* acabou por consolidar-se como a melhor opção neste caso.

Disso se segue que os tipos de relações entre termos suportados pelo *Tematres* são preestabelecidos e sustentam uma estrutura de tesauro, melhor do que uma de ontologia. Adicionalmente, adquiriu-se quando da feitoria desta pesquisa que o desenvolvimento de um vocabulário controlado do tipo ontologia, especializado em filosofia, seria objeto de estudo mais apropriado para uma eventual dissertação de pós-graduação.

Seguindo adiante, para a confecção deste modelo de tesauro, foram inicialmente estabelecidos meta-termos, isto é, termos não utilizados em indexação que cumprem a finalidade de descrever os demais termos. Os meta-termos refletem, de certa forma, algo que corresponde às categorias principais sobre as quais sustenta-se a estrutura léxico-relacional do modelo de tesauro. Os meta-termos principais (mais gerais na cadeia hierárquica) são os descritores onomásticos, geográficos, cronológicos e de assunto, vistos na figura 3:

**Figura 3- os quatro meta-termos principais**



Fonte: elaboração própria

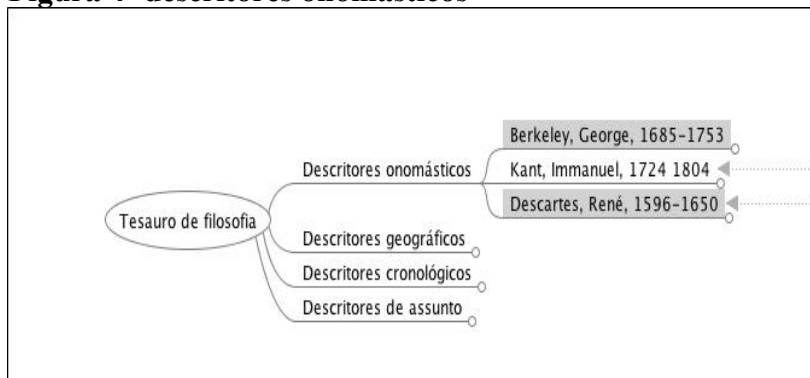
Partindo do geral para o específico, cada um desses descritores, considerados como as categorias principais do modelo de tesauro, vão gradualmente obtendo suas subcategorias. O modelo é concebido de tal modo que esse processo de subcategorização pode ser interrompido e retomado; com isso, pode-se adicionar, subtrair e modificar subcategorias para acomodar necessidades que porventura possam surgir.

Cada um dos meta-termos cumpre a função de TG para conjuntos específicos de termos descritores de características específicas. Os descritores onomásticos dizem respeito a nomes, inclusive nomes próprios, de pessoas, títulos de obras, capítulos, sessões e sub-sessões. Os descritores geográficos designam locais físicos, não importando de qual tipo; podem indicar países, cidades e outros. Os descritores cronológicos dizem respeito a períodos específicos de tempo. Os descritores de assunto, por sua vez, compreendem conceitos, noções, processos e outros objetos de natureza abstrata que não relacionados aos outros meta-termos.

## 5.1 DESCRITORES ONOMÁSTICOS

Para ilustrar uma etapa seguinte desse processo, considere-se dentre os quatro descritores principais, os descritores onomásticos. Os termos aqui correspondem a nomes de filósofos e já não se tratam de meta-termos, isto é, podem ser utilizados em indexação. Tratam-se, ainda, de autoridades, ou seja, devem ser sobrenomes em maiúsculas, sucedidos pelo primeiro nome e, finalmente, ano de nascimento e morte inclusos entre parênteses, a fim de evitar ambiguidades. O resultado é como se segue na figura 4:

**Figura 4- descritores onomásticos**

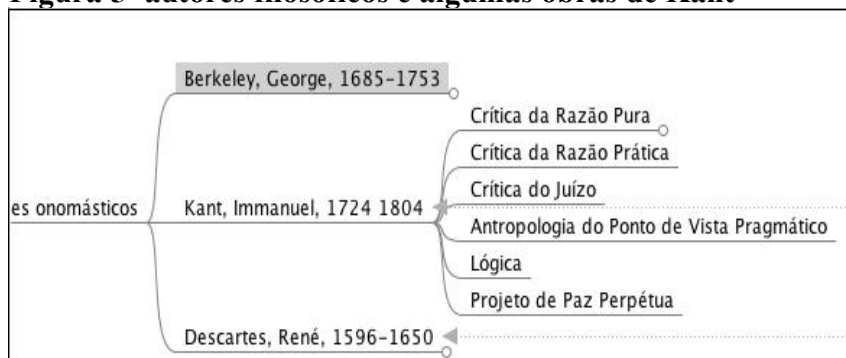


Fonte: elaboração própria

Cada um desses descritores onomásticos é concebido de forma que possa conter, em sua próxima etapa hierárquica, os títulos das obras dos autores que lhes são respectivos. Como

o objeto de principal interesse desta pesquisa é a obra de Kant, conceder-se-á destaque aos TEs que lhe são relacionados de maneira mais direta. Com isso, pode-se observar, para fins de exemplificação, alguns títulos de obras kantianas em forma de TEs na figura 5:

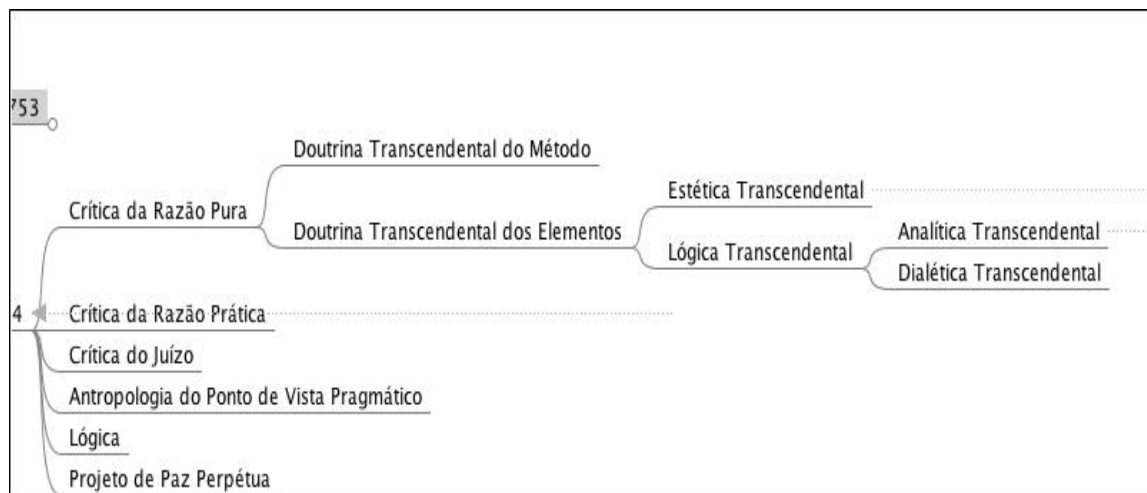
**Figura 5- autores filosóficos e algumas obras de Kant**



Fonte: elaboração própria

Todos os TEs do termo 'KANT, Immanuel. (1724-1804)', bem como dos demais descritores onomásticos contidos nesse modelo de tesouro correspondem, nominalmente, a títulos de obras extraídas de verbetes de um dicionário especializado em obras filosóficas (HUISMAN, 2002).

Seguindo adiante na escala hierárquica, os próximos TEs a serem considerados têm por TG o termo "*Crítica da Razão Pura*", posto que é essa obra o escopo específico desta pesquisa, desconsideradas as demais por razões previamente estabelecidas. Com isso, alguns dos termos contidos neste modelo de tesouro correspondem a seções e subseções da *CRP*, como a 'Doutrina Transcendental dos Elementos', a 'Lógica Transcendental' e assim por diante. Termos assim, além de beneficiarem uma representação da informação contida na *CRP*, podem proporcionar uma recuperação da informação mais acurada na medida em que forem gradualmente utilizados tanto para indexação quanto para pesquisa. Com isso, um usuário que esteja interessado em recuperar artigos, teses e outras fontes que tratem especificamente, por exemplo, da 'Analítica Transcendental', evitam recuperar outros que tratem da 'Dialética Transcendental', o que nesse caso equivaleria ao fenômeno, previamente exposto, denominado "ruído". Ver figura 6:

**Figura 6- algumas partes da CRP**

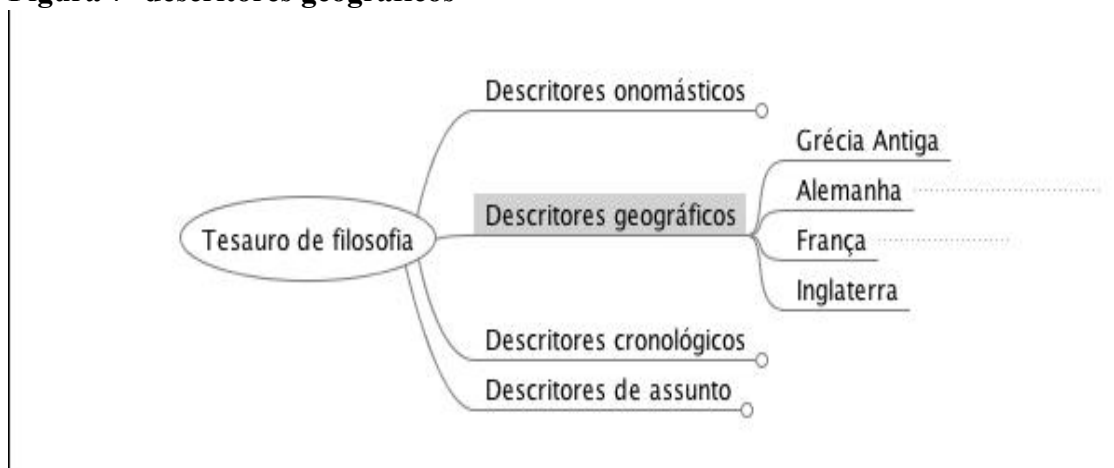
Fonte: elaboração própria

Esse processo estrutural pode prosseguir indefinidamente, comportando quantos graus hierárquicos forem necessários, de tal modo que, partindo do título da obra, pode-se usar, na nomeação dos termos, os títulos dos capítulos, subcapítulos, seções, subseções e, eventualmente, até determinados argumentos filosóficos contidos no texto, se o indexador julgar conveniente.

## 5.2 DESCRITORES GEOGRÁFICOS

A segunda via possível no caminho que se observa nesta representação visual do modelo de tesauro é a dos descritores geográficos. Sua utilidade é indicar, na etapa da indexação, a filosofia de qual região geográfica no globo pertence determinado documento; na etapa da pesquisa, serve para que sejam recuperados exclusivamente teses, artigos e outros que tratem da filosofia daquela região geográfica específica, excluindo-se as demais. Assim como é o caso em todas as etapas da hierarquia do modelo de tesauro, ela pode ser alterada de modo a conter muitos outros termos que designem outras áreas geográficas, sejam elas existentes na contemporaneidade, sejam divisões geográficas históricas (como por exemplo a Grécia Antiga). Abaixo, a figura 7 apresenta os descritores geográficos:

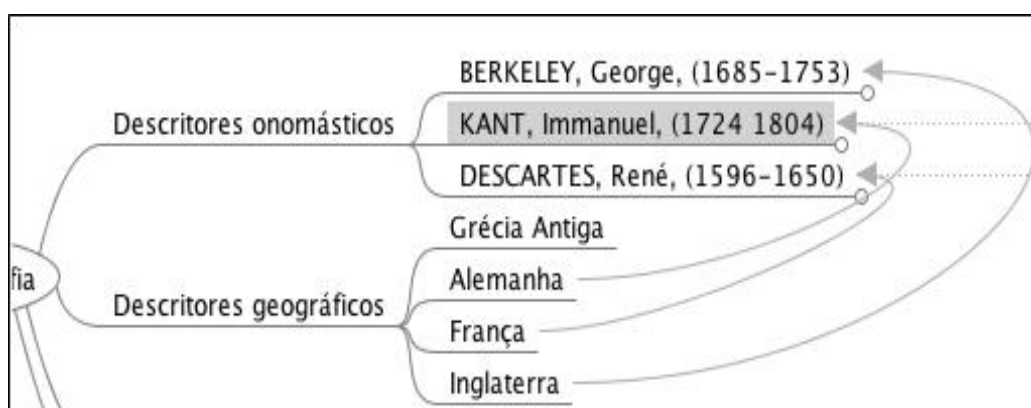


**Figura 7- descritores geográficos**

Fonte: elaboração própria

Caso seja necessário, níveis de maior especificidade podem ser conferidos aos descritores geográficos, de modo a incluir áreas menores dentro das áreas correspondentes aos descritores geográficos principais. Ou seja, aos termos 'Inglaterra', 'França' ou 'Alemanha' podem ser conferidos TEs que correspondam a áreas administrativas, tais como províncias, cidades, comunas, bairros etc.

Adicionalmente, qualquer termo de qualquer tipo, dentre os quais os termos do tipo 'Descritores geográficos' podem, eventualmente, compartilhar com outros tipos de descritores, como os onomásticos, de uma relação do tipo TR (Termo Relacionado). Isto é, termos que têm entre si um tipo de relação não hierárquica, como visto na figura 8:

**Figura 8- termos Relacionados entre descritores geográficos e onomásticos**

Fonte: elaboração própria

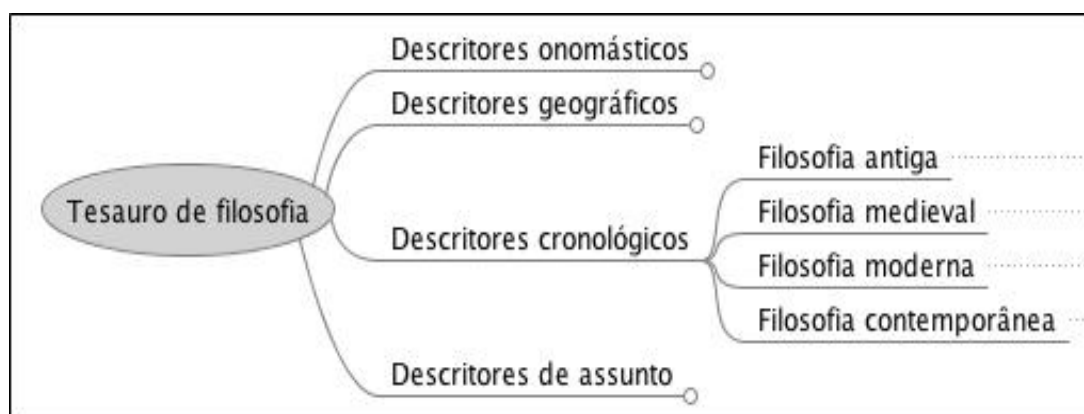
Nota-se na figura 8 que dos termos 'Alemanha', 'França' e 'Inglaterra', partem setas que os ligam, respectivamente, aos termos 'KANT, Immanuel, (1724-1804)', 'DESCARTES, René, (1596-1650)' e 'BERKELEY, George, (1685-1753)'. Essas setas simbolizam as relações

do tipo TR e aqui são empregadas para conduzir tanto o usuário quanto, eventualmente, uma máquina, a inferir que o filósofo Kant é alemão, Descartes é francês e Berkeley, por sua vez, é um filósofo inglês. Exemplificando a utilidade dessas relações, espera-se que, ao executar uma pesquisa usando o termo ‘Alemanha’ em determinada base de dados de informação acadêmica que contenha informação filosófica, o usuário possa recuperar, dentre outros resultados de pesquisas, todos aqueles que contenham o termo ‘KANT, Immanuel, (1724-1804)’ em sua indexação.

### 5.3 DESCRITORES CRONOLÓGICOS

Como o próprio nome indica, os descritores cronológicos são definidos em função da passagem do tempo no processo histórico e, no presente contexto, pretende dizer respeito a períodos da história da filosofia ocidental. A divisão da história da filosofia entre os períodos antigo, medieval, moderno e contemporâneo é uma convenção bem conhecida e foi adotada nessa categoria sem maiores preocupações com rigor ou detalhamento, apenas para fins de demonstração, conforme ilustrado na figura 9:

**Figura 9- descritores cronológicos**



Fonte: elaboração própria

Na eventualidade desta convenção em História da Filosofia ser alterada por algum motivo, pode-se editar a terminologia empregada, de maneira a acomodar tais alterações,

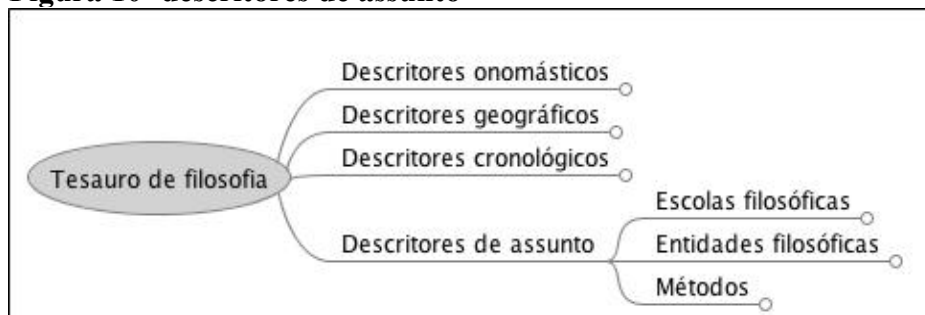
conservando as relações empregadas. Por exemplo, assumase, para fins de discussão, que “Filosofia contemporânea” caia em desuso como designação para o período filosófico de atuação de filósofos como Husserl, Heidegger, Sartre, Foucault etc. Considere-se ainda que o substituto para tal designação seja, por exemplo, “Filosofia pós-moderna”. Se for o caso, é possível alterar apenas as palavras contidas no termo descritor, conservando as relações que lhe foram eventualmente atribuídas.

Estes descritores cronológicos podem ser ajustados, de modo a obter-se um alinhamento mais rigoroso com a teoria disponível acerca da história da filosofia, alterando as nomenclaturas empregadas ou inserindo sub-períodos de acordo com as necessidades que possam surgir de representação nesse sentido. O termo ‘Filosofia antiga’ pode ser alterado para ‘Filosofia clássica’ ou ainda ‘Filosofia helênica’ caso julgue-se apropriado ou pode-se estabelecer uma relação de equivalência entre esses termos. É possível também atribuir-lhe TEs como, por exemplo, ‘Período pré-socrático’ e esses mesmos princípios se aplicam aos outros termos da mesma maneira.

## 5.4 DESCRITORES DE ASSUNTOS

Os descritores de assuntos são a categoria deste modelo de tesouro que tende a ser a mais diversificada em subcategorias ou TEs. Trata-se também dos únicos descritores que, sendo eles mesmos meta-termos, contêm em sua camada hierárquica imediatamente posterior outro conjunto de meta-termos como TEs. Portanto, os descritores de assunto são termos empregáveis em indexação e pesquisa somente a partir de sua terceira etapa ou camada hierárquica, conforme apresentado na figura 10:

**Figura 10- descritores de assunto**



Fonte: elaboração própria

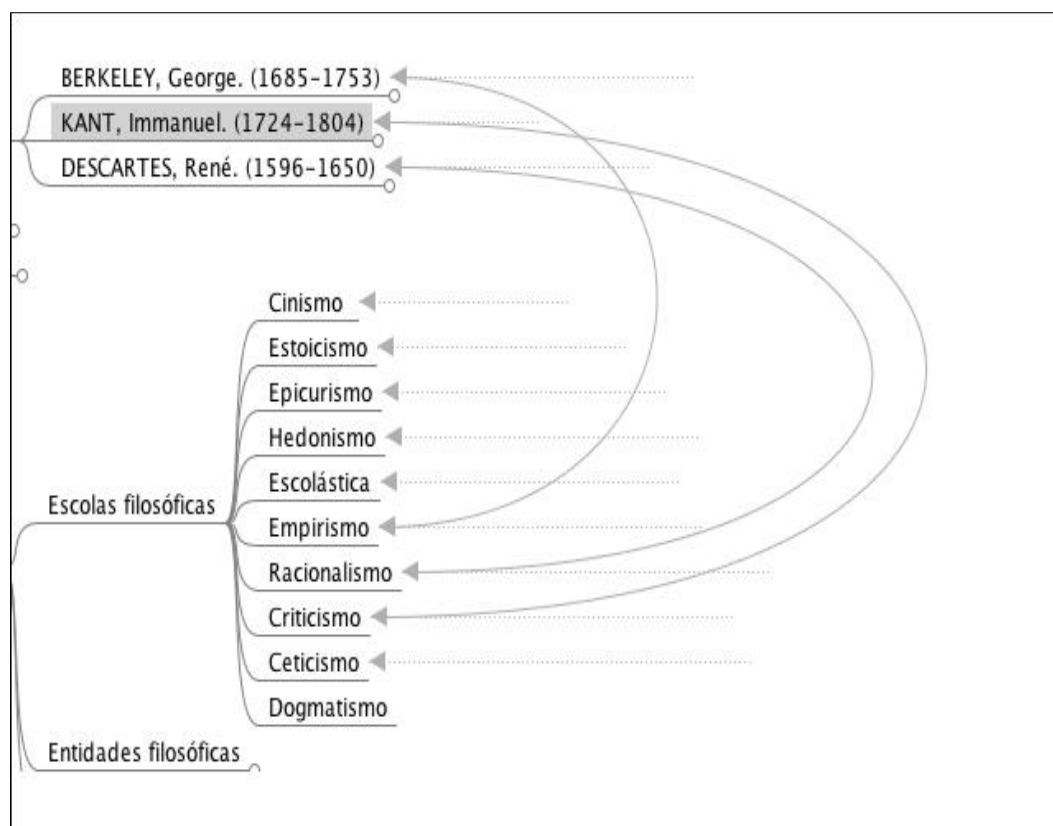
Percebe-se na figura 10 que as subcategorias dos descritores de assunto dizem respeito às escolas filosóficas, às entidades filosóficas e aos métodos filosóficos. Na subseção 6.4.1, 6.4.2 e 6.4.3 tratar-se-á das mesmas a fim de melhor ilustrar como funcionam as ramificações nesta estrutura categorial.

#### 5.4.1 Escolas filosóficas

A exemplo dos descritores cronológicos, os TEs da subcategoria das escolas filosóficas foram estruturadas com base em convenções amplamente difundidas da teoria filosófica, embora nesse caso cada um dos termos corresponda, nominalmente, a verbetes que podem ser encontrados no dicionário de Abbagnano (2015).

Para indicar aqueles filósofos que são considerados alguns dos principais expoentes de determinada escola filosófica, utiliza-se TR como na figura 11:

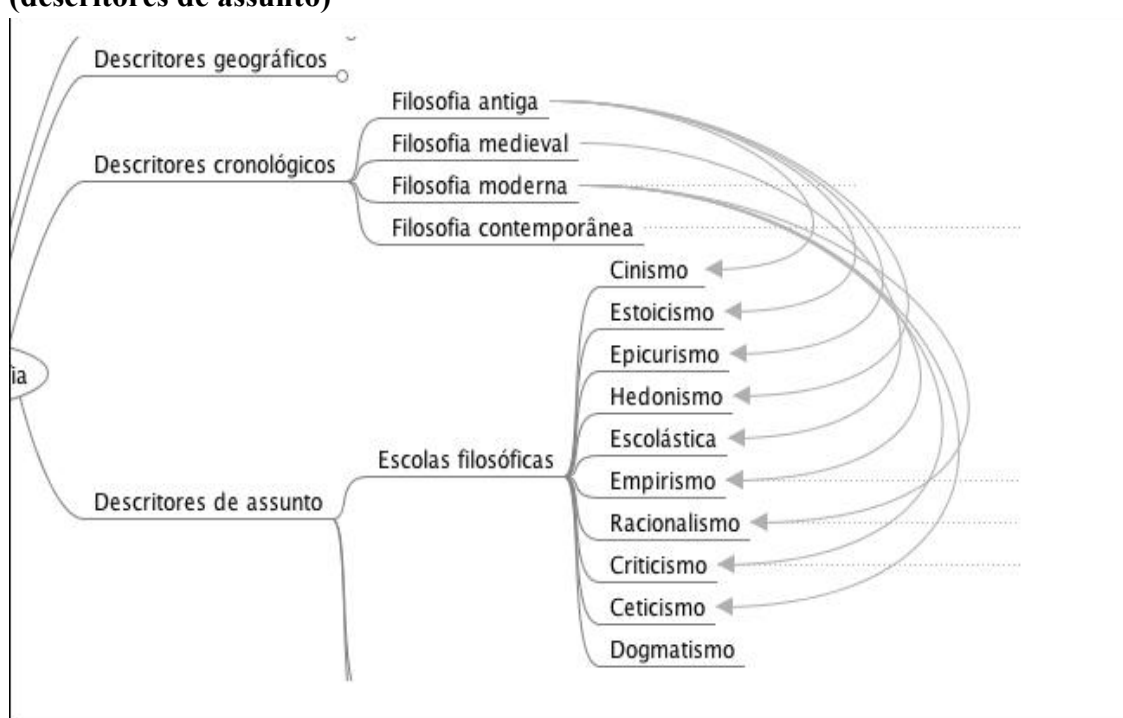
**Figura 11- termos relacionados entre descritores onomásticos e escolas filosóficas (descritores de assunto)**



Fonte: elaboração própria

O mesmo é feito para relacionar escolas filosóficas com períodos da história da filosofia, conforme ilustrado na figura 12:

**Figura 12- termos relacionados entre descritores cronológicos e escolas filosóficas (descritores de assunto)**



Fonte: elaboração própria

Note-se que, embora não seja o caso no exemplo ilustrado na figura 12, a relação do tipo TR entre os descritores cronológicos e as escolas filosóficas pode ser bi-implicada. Ou seja, do mesmo modo como as escolas filosóficas que constam no modelo de tesauro são TRs dos descritores cronológicos, o contrário também pode ser admitido.

Perceba-se ainda que as relações da figura 12 constam apenas a título de exemplificação, posto que cada uma das escolas filosóficas nela enumeradas podem, eventualmente, ter manifestações em qualquer período da História da Filosofia; por exemplo, o Racionalismo pode ter manifestações na Filosofia contemporânea etc.

#### 5.4.2 Entidades filosóficas

Como explicado anteriormente neste trabalho, entidades filosóficas correspondem a métodos, proposições, teorias, argumentos e conceitos. Destes cinco tipos de entidades, averiguou-se que os conceitos e os métodos são os mais facilmente convertidos nos termos constituintes de um vocabulário controlado.

A priori, pode-se dizer que talvez seja possível, e eventualmente até desejável, que se faça tal conversão também com as teorias, proposições e argumentos contidos em um texto

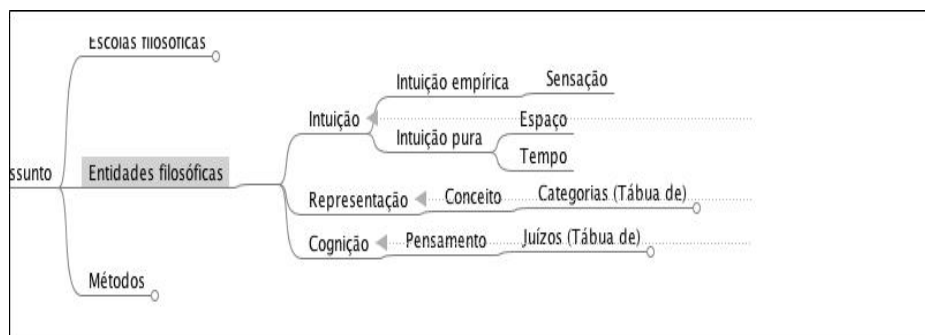
filosófico. Contudo, observou-se nesta etapa da pesquisa que, para que tal processo seja efetuado com o mínimo de rigor necessário com a teoria filosófica que se busca representar, maior domínio da exegese kantiana se impõe como condição necessária. Com isso, um conhecimento insuficiente nesse sentido se apresenta como um impedimento. Essa é, portanto, uma limitação a ser notada nesta determinação temática adotada neste modelo de tesauro. Satisfazer tal grau de especificidade em um tesauro filosófico requer de modo semelhante que o bibliotecário seja ele mesmo, de certa forma, um especialista no tema representado, de modo a saber identificar no texto os argumentos, teorias e proposições, e de que modo se relacionam com o todo do texto.

Considerando, portanto, a inserção desses tipos de entidades filosóficas no tesauro uma tarefa possível, porém inviável dentro do período de tempo disponível, desprezou-se os argumentos, teorias e proposições como matéria-prima viável para construção de termos do tesauro neste momento. Adotou-se, portanto, para estes fins, uma exclusividade dos conceitos e métodos enquanto objeto de representação em forma de termos.

O próprio processo de representação de conceitos em termos e relações neste modelo de tesauro traz consigo alguns problemas. As noções, por exemplo, de ‘tempo’ e ‘espaço’ não são, no entendimento de Kant, conceitos empíricos propriamente ditos, mas sim o que ele chama de intuições puras (PEREIRA, 2011, p. 124). Esse tipo de imbróglio tem potencial para posicionar o bibliotecário em um certo desafio, considerando possíveis ciladas da linguagem, que poderiam conduzi-lo a acreditar que tempo e espaço são sim, conceitos, como poderiam não sê-lo? Como libertar-se do amparo conferido pela noção de ‘conceito’ quando se tratam das abstrações típicas do campo da metafísica?

Como o objetivo desta pesquisa não é resolver tais questões de ordem semântica e ontológica, convencionou-se que, para fins de representação da informação, tanto ‘tempo’ e ‘espaço’ quanto ‘intuição pura’ e o próprio termo ‘conceito’ são entidades filosóficas. Para evitar confusões entre entidades filosóficas como essas supramencionadas e as entidades filosóficas conhecidas como métodos, ‘métodos’ foi transformado em meta-termo do mesmo grau hierárquico do meta-termo ‘entidades filosóficas’ e, portanto, TE imediato de ‘descritores de assunto’, do modo como representado na figura 13:

**Figura 13- parte da estrutura hierárquica das entidades filosóficas**

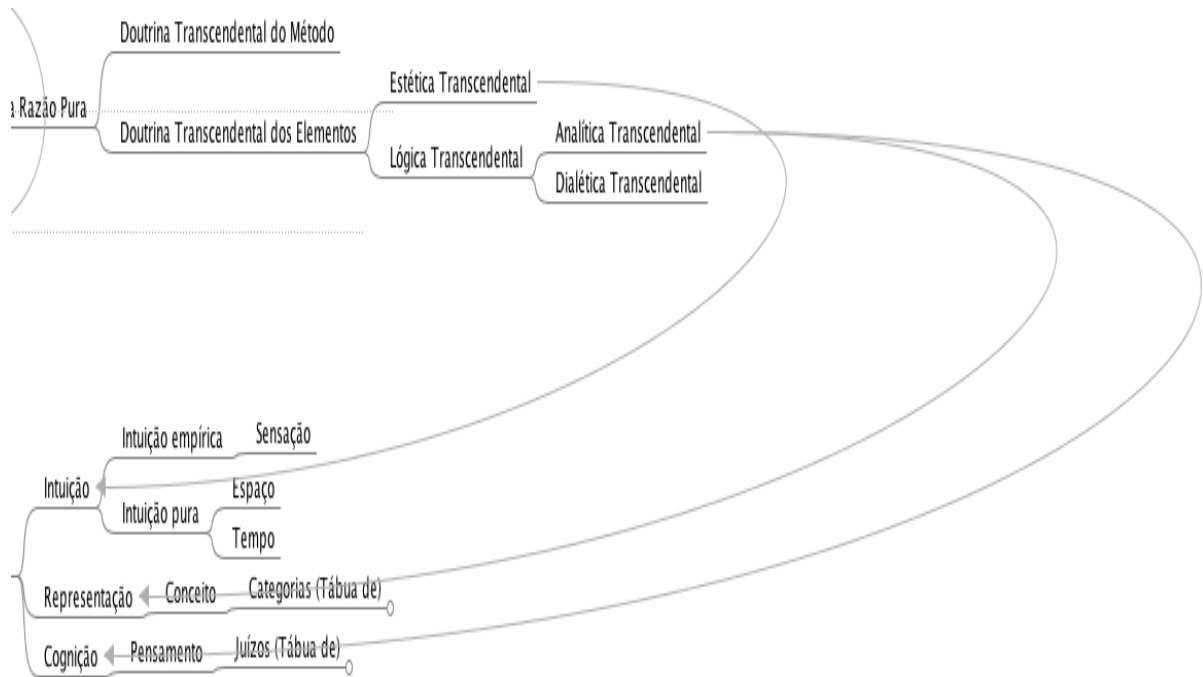


Fonte: elaboração própria

Um leitor que seja atento e conhecedor da filosofia kantiana e da *CRP* talvez tenha objeções ao fato do termo ‘intuição’ não estar posicionado como TE do termo ‘Representação’. Sua objeção estaria correta, pois tanto o conceito quanto a intuição são definidos por Kant como tipos de representação (PEREIRA, 2011, p. 122). Esta por sua vez é uma falha na representação da informação contida nas *Estética e Lógica Transcendentais da CRP*, percebidas tarde demais e que não puderam ser corrigidas a tempo, devido a limitações no domínio dos *softwares* utilizados para estruturar o modelo do tesouro e sua representação gráfica de estrutura taxonômica neste trabalho.

A despeito dessas dificuldades, é possível perceber que, adotadas certas condições e toleradas certas limitações como anteriormente explicadas, é possível inserir informações da *CRP* dentro da estrutura relacional e hierárquica típica de um tesouro, como visto nas figuras 14 e 15:

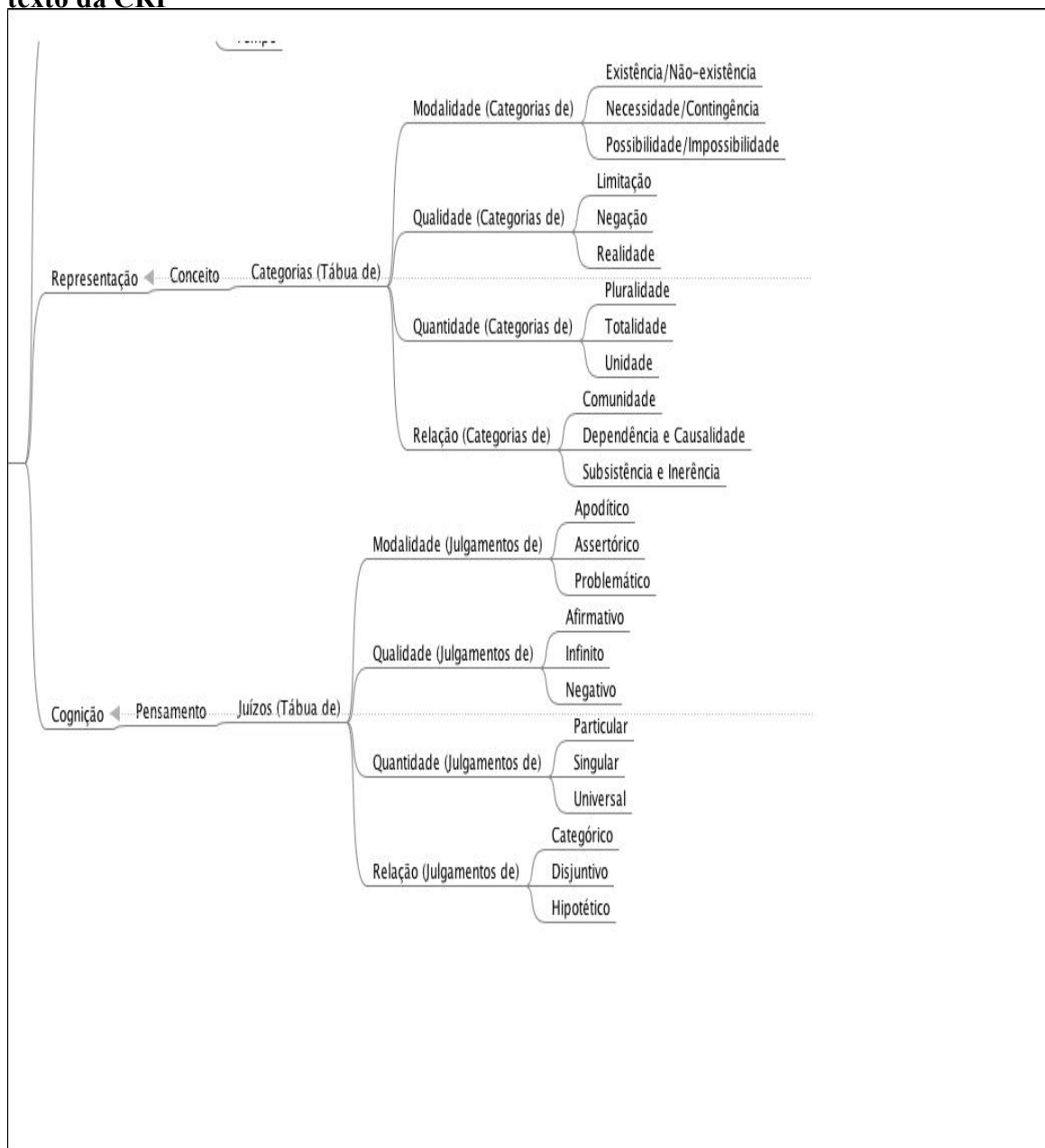
**Figura 14- termos relacionados entre partes da CRP (descritores onomásticos) e entidades filosóficas (descritores de assunto)**



Fonte: elaboração própria



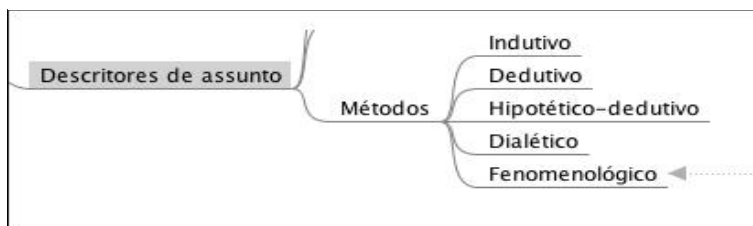
**Figura 15- intuições, tábua de juízos, tábua de categorias e seus respectivos locais no texto da CRP**



Fonte: elaboração própria

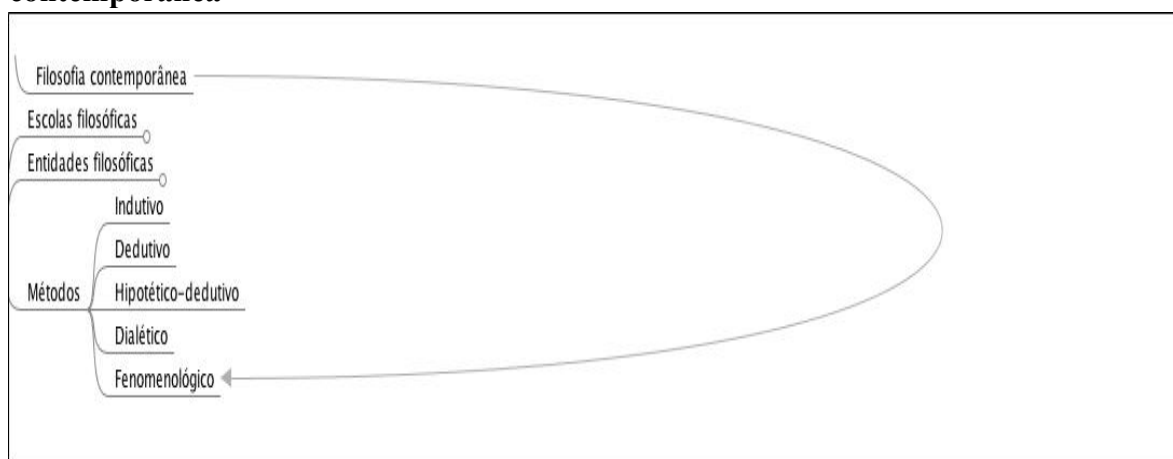
### 5.4.3 Métodos

Na última das subcategorias dos descritores de assunto, foram retratados, a título de exemplo, alguns métodos comumente empregados em filosofia. Trata-se de conjuntos de diretrizes aplicadas em reflexões, investigações e argumentações sobre variados temas, que fundamentam logicamente a atividade intelectual e que também são empregados em metodologia científica (PRODANOV; ERNANI, p. 26). Os exemplos de métodos filosóficos empregados neste modelo podem ser vistos na figura 16:

**Figura 16- tipos de métodos filosóficos**

Fonte: elaboração própria

Nota-se que assim como ocorre com todos os outros descritores, seja de assunto ou de outros tipos, os termos que correspondem aos métodos filosóficos podem ter com qualquer outro termo uma relação de tipo TR, conforme ilustrado na figura 17:

**Figura 17- método fenomenológico como Termo Relacionado de filosofia contemporânea**

Fonte: elaboração própria

Este recurso da relação do tipo TR proporciona, no caso dos descritores de métodos, a possibilidade de conduzir o usuário a inferir, neste caso, que a fenomenologia é uma prática desenvolvida no âmbito da filosofia contemporânea. Na verdade, ‘fenomenologia’ enquanto termo com sentido menos restrito tem sido empregado por outros autores desde antes do período histórico correspondente ao que se considera ‘filosofia contemporânea’. No entanto, o conceito de fenomenologia operante neste modelo de tesouro corresponde àquele inaugurado pelo filósofo Edmund Husserl (1859-1938) na obra *Investigações Lógicas*, publicada originalmente nos anos de 1900 e 1901 (ABBAGNANO, 2015; HUISMAN, 2002).

No entanto, para operar uma representação da informação de modo rigoroso, relações como esta requerem que os termos contenham notas explicativas TE acerca de seu escopo, evitando com isto conduzir o usuário a equívocos críticos e comprometer a credibilidade do tesouro.

## 5.5 RESULTADO DA ANÁLISE E INFORMAÇÕES ADICIONAIS SOBRE O MODELO DE TESAURO

Ao fim da confecção deste modelo, compreendida entre fevereiro e novembro de 2017, foi inserido um total de 102 termos descritores, com 90 relações entre eles e 10 termos não preferidos. A estrutura relacional do modelo acomodou a todos os termos, ou seja, não há neste modelo nenhum termo que não tenha algum tipo de relação com pelo menos um outro termo. No entanto, há 7 termos os quais não foi possível acomodar na estrutura hierárquica, ou seja, não possuem relação hierárquica com nenhum termo. Tal impossibilidade é, objetivamente, reflexo de uma insuficiência de domínio do assunto representado da parte do pesquisador, mas é possível também que indique que a estrutura argumentativa e conceitual de uma obra como a *CRP* seja melhor acomodada na estrutura relacional de uma ontologia, do que na estrutura de um tesauro. Dentre estes 7 termos, destaca-se o termo descritor ‘juízos sintéticos a priori’, devido a sua importância na cadeia argumentativa contida no texto da *CRP*. Os descritores de assunto correspondem ao termo geral com maior número de termos específicos, incluindo três meta-termos e 60 termos descritores, contendo, portanto, mais da metade do total de termos do tesauro.

No final deste trabalho consta integralmente, em forma de apêndices, o modelo de tesauro, organizado em listagens alfabética e sistemática. Abaixo de cada termo, encontram-se as siglas que correspondem às suas relações com os outros termos no modelo. “TT” diz respeito aos “metatermos”, que correspondem a um tipo de “categoria geral” a qual pertence o termo; USE ocorre em termos não-preferidos e indica o termo autorizado; TR é usado para indicar termos relacionados. TG e TE por sua vez correspondem, respectivamente, a “termo geral” e “termo específico”; quando seguidos da letra I, correspondem a termo geral ou específico do tipo “instância de”; quando seguidos da letra P, correspondem a uma relação partitiva, ou “parte de”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar da informação filosófica na problemática específica da elaboração e manutenção de vocabulários controlados não é, certamente, a direção mais cômoda a se adotar na realização de um trabalho de conclusão de curso de biblioteconomia, mas é uma direção com potencial para uma significativa produtividade, tanto acadêmica quanto pessoal; uma tarefa com grau

relativamente alto de exigência e risco, mas que eventualmente pode trazer recompensas na forma de revelações acerca da biblioteconomia, da filosofia e de algumas das possíveis relações entre ambas.

Buscou-se nesta pesquisa a obtenção de um modelo de tesouro que seja voltado especificamente para noções contidas na *CRP*, mas que, ao mesmo tempo, não deixe de operar uma consideração holística do todo no qual a obra de Kant está inserida, consolidando, portanto, seus conceitos com aquilo da filosofia que lhe seja porventura anterior ou posterior, ou proveniente de outras regiões geográficas ou de determinações teóricas que lhe sejam distintas. Espera-se com isso indicar possíveis diretrizes que possam eventualmente ser úteis na criação de vocabulários controlados que possam acomodar conceitos advindos tanto da filosofia kantiana, quanto da filosofia de outros autores.

O fato de não terem sido, tesouros e ontologias especializados em representação e recuperação da informação filosófica, objeto de consideração e uso da parte de bibliotecários brasileiros em medida suficiente, a ponto de não ser possível identificar exemplos desse tipo de instrumento disponíveis em língua portuguesa, contém certa ambivalência. Por um lado, pode ser tido como um problema, algo que indica um possível descaso ou desconhecimento de bibliotecários acerca da filosofia e sua importância. Mas pode também ser interpretado como algo positivo, como uma oportunidade; a despeito dos desafios implicados nesta oportunidade, foi o caso desta pesquisa. Tais desafios conduzirem eventualmente ao erro é um risco concreto, que certamente efetivou-se em determinadas partes deste trabalho. Mas é uma boa via para a prática de metodologias biblioteconomistas justamente pelo grau de complexidade e qualidade das reflexões que podem daí decorrer.

Além de aplicações em processos de recuperação da informação, considera-se que ferramentas como tesouros, ontologias e taxonomias, na medida em que operam como representações da informação filosófica, possuem potencial didático. Todas as três podem, eventualmente, ser adaptadas e utilizadas de modo a mediar um primeiro contato com noções e teorias filosóficas a atender a necessidades de aprendizagem de matérias de filosofia de todos os níveis.

Quanto ao modelo de tesouro proposto nesta pesquisa, trata-se de um objeto que pode ser considerado como relativamente simples e com muitas limitações, se comparado com outros, como ontologias especializadas em filosofia. No entanto, considere-se hipoteticamente uma versão desse objeto que fosse disponibilizada *online* e que fosse mais sofisticada; um programa de computador que combine aspectos de tesouro, ou ontologia, com uma interface

gráfica de estrutura taxonômica e, ainda, o recurso do *hyperlink* (que conduz o usuário a fontes externas). Um objeto desse tipo poderia ser uma ferramenta eficaz na representação e recuperação da informação relativa à Kant e à *CRP*. Poderia inclusive cumprir fins didáticos e servir como ferramenta auxiliar na própria leitura de textos como o da *CRP*, de modo semelhante a um dicionário filosófico. Funções semelhantes já são cumpridas por itens anteriormente apontados neste trabalho, como o *Philosopher's Web*.

Considera-se que nesta pesquisa, a hipótese testada, relativa a obtenção de padronização e redução de ruído foi parcialmente atingida. Para que seja plenamente verificada e atingida, é necessário que maior rigor entre representação e objeto seja aplicado e que testes sejam conduzidos, realizando indexações e pesquisas com seus termos.

Acredita-se, a despeito da importância do advento da informática e da *internet*, que os vocabulários controlados são mérito da biblioteconomia e reflexo de seu potencial para proporcionar mediação eficaz entre a informação e seu usuário. Atualmente, questiona-se a utilidade e o valor da biblioteca enquanto espaço físico, com certa razão. Por que precisa o usuário de informação filosófica dos serviços de um bibliotecário, por que deve ele deslocar-se fisicamente para frequentar uma biblioteca? Ocorre que hoje em dia, como previamente indicado, os conceitos de ‘documento’ ou ‘suporte’, sofrem a agência de certo fenômeno, no qual eventualmente deixam de ser objeto concreto. De modo semelhante, talvez a biblioteca deixe de ser, necessariamente, local físico no qual deva-se estar fisicamente, e não virtualmente, presente. Ademais, o mesmo pode ocorrer com o bibliotecário, que deixe de ser, cada vez mais, um indivíduo que precise estar fisicamente presente para poder ser de alguma valia.

No entanto, pode ser perigoso supor que, na contemporaneidade, a biblioteca enquanto espaço físico perca completamente sua importância. O acesso à informação via internet, mesmo aquela informação considerada como gratuita, de ‘acesso livre’, pressupõe que o usuário seja detentor de certos recursos; que ele tenha um computador e um provedor de acesso à *internet*; esse pressuposto, por sua vez, está sujeito a variáveis, tais como a potência, a sofisticação do computador utilizado; a velocidade no acesso à internet, proporcionado pelo serviço contratado junto ao provedor. Tudo isso gira em torno de um único elemento, o poder de compra. Quando se argumenta que bibliotecas estão se tornando desnecessárias por causa da *internet*, se esquece que isso só se efetiva, se é que de fato se efetiva, quando se tem recursos financeiros. Para aqueles indivíduos que não têm, ou que por algum motivo não querem despender tais recursos, a biblioteca pode ser a diferença entre ter ou não ter acesso à informação.

Ademais, se todo bibliotecário é também biblioteconomista, o contrário não é verdadeiro. Ou seja, nem todo biblioteconomista é necessariamente funcionário de uma

biblioteca, seja ela física ou virtual. Portanto, é possível desempenhar a função de biblioteconomista ocupando locais de trabalho outros que não a biblioteca e pode-se inclusive fazê-lo ao se desenvolver produtos e serviços a serem disponibilizados através de diferentes vias, dentre as quais consta a *internet*.

## 6.1 DIFICULDADES DA PESQUISA

A filosofia é um objeto de estudo demasiadamente amplo. De tal modo que nesta pesquisa, ocasionalmente, sinta-se a falta de considerações a respeito de filosofias outras que não a filosofia ocidental dos gregos e europeus, sendo que foi deixada de fora outras filosofias igualmente importantes, como a filosofia oriental, a filosofia africana e talvez até mesmo a filosofia latino americana e brasileira.

Essas exclusões se justificam na medida em que tais acomodações demandariam anos de estudo; para obter-se um nível de domínio acerca de matérias de filosofia ocidental que fosse suficiente para a confecção desta pesquisa, foram necessários um total de dois anos de dedicação. Adicionalmente, objetiva-se por meio deste trabalho discutir e propor desenvolvimento de técnicas e recursos da biblioteconomia e da ciência da informação, e não apresentar um trabalho de filosofia.

Para manipular informação contida em fontes como a *CRP*, foi necessário o período de um ano e meio de preparação prévia à confecção deste trabalho. Não se trata de uma quantidade de tempo suficiente para obter-se nível satisfatório de domínio sobre a exegese kantiana, de modo a representá-la em estruturas como a de um tesouro de modo inteiramente acurado e que cumpra as finalidades de representação e recuperação da informação da melhor maneira possível.

Além da necessidade de maior conhecimento acerca da teoria de figuras históricas como Kant e de obras históricas como a *CRP*, a elaboração desta pesquisa permitiu a constatação de que maior conhecimento acerca de lógicas clássicas e não clássicas pode ser de significativa ajuda no entendimento das estruturas lógicas e relacionais presentes em ferramentas de representação e recuperação da informação já existentes, bem como na elaboração de novas ferramentas, sobretudo considerando o papel que a lógica desempenha na programação de computadores.

Houve, inicialmente, a intenção de configurar muitas das explicações, contidas neste trabalho, a respeito das relações contidas em tesouros, de modo a acomodar demonstrações em forma de notação lógica. Optou-se por não efetivar essa intenção, de modo a evitar eventuais

erros que decorressem de uma inexperiência na manipulação de tais notações e que pudessem comprometer a qualidade argumentativa e acadêmica de tais explicações e desta pesquisa de modo geral.

Infelizmente, matérias de lógica e filosofia não fazem parte do currículo do curso de graduação em biblioteconomia, exceto na forma de módulo livre. Considerou-se ao fim desta pesquisa que esse é um fato a se lamentar, constatado o valor e a utilidade que noções advindas de ambas podem desempenhar no desenvolvimento e aplicação de diversos métodos e processos biblioteconomistas.

Ao fim da realização desta pesquisa, constatou-se que a diferença entre tesouros e ontologias merece ser investigada mais a fundo e que ambas, enquanto linguagens documentárias, devem ser definidos de forma mais precisa. A linguagem das notações lógicas é uma boa via para resolver tal imbróglio de maneira consistente.

Outro obstáculo considerável corresponde a orçamento. Todas as ferramentas e fontes utilizadas nesta pesquisa foram gratuitas. Isto impediu o acesso a certas fontes e ferramentas pagas, dentre as quais destacam-se o *Philosopher's Index Thesaurus* e o *Library of Congress Subject Headings in Philosophy: a Thesaurus*. Intentou-se estabelecer contato com seus respectivos autores, sem sucesso. Considerou-se inclusive a compra de exemplares físicos de ambos, o que em última análise constatou-se não ser um plano de ação viável. Considera-se a impossibilidade de acesso a esses dois tesouros um prejuízo inestimável, dada sua importância no exterior.

Reforçou-se, enquanto noção valorativa, a importância de um princípio do acesso livre à informação, acompanhada da triste constatação de que esse princípio não é, infelizmente, universalmente compartilhado. Muito se argumenta a respeito da importância dos direitos autorais. Mas considera-se, nesta pesquisa, a respeito de iniciativas subversivas de compartilhamento livre de artigos acadêmicos, muito comuns na *internet* e alvos costumeiros de perseguição judicial, o seguinte: se atuam em desrespeito das leis de direitos autorais, então podem ser entendidas, objetivamente, como ilícitas e passivas de juízos condenatórios dentro de uma esfera jurídica. No entanto, se considerarmos um princípio de acesso livre à informação como algo que deveria ser um valor universalmente compartilhado, a fim de servir ao propósito de desenvolvimento científico, tecnológico e cultural da sociedade humana como um todo, e não apenas desta e daquela comunidade detentora de maior quantidade de recursos financeiros, então tais iniciativas de compartilhamento livre de itens informacionais, sobretudo de artigos acadêmicos, não podem, em última análise, ser tidas como imorais. Sabe-se que, ao longo do processo histórico, estabeleceu-se empiricamente que o que é respaldado pelas instituições

jurídicas nem sempre converge com o que seria mais ético. E declara-se por meio desta que tudo o que é empecilho para o acesso à informação e ao conhecimento deve ser tido como algo questionável, de um ponto de vista da ética.

Declara-se ainda que, na realização desta pesquisa, referências nominais a certos portais e mediadores de informações por via não estritamente legal e em não-conformidade inflexível com leis de proteção aos direitos autorais foram suprimidas. Foram, no entanto, amplamente utilizadas para obter informação que, de outro modo, não poderiam ser acessadas gratuitamente. Declara-se isto na convicção de que o acesso livre à informação deveria ser entendido como um direito e que direitos não exercidos são, na prática, direitos perdidos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

ARANALDE, Michel Maya. Reflexões sobre os sistemas categoriais de Aristóteles, Kant e Ranganathan. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 38, n. 1, p. 86-108, jan./abr. 2009.

ARAUJO, Lauro César. **Uma linguagem para formalização de discursos com base em ontologias**. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

BARQUERO, Marcia Ugarte. **Tesouro especializado em Filosofia, com enfoque de gênero**. [Costa Rica]: [S.N.], 2007. Disponível em: [http://132.248.9.9/libroe\\_2007/tesouro1/Index.html](http://132.248.9.9/libroe_2007/tesouro1/Index.html). Acesso em 20 out. 2017.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, v. 1.

**Big Data Definition - MIKE2.0, the open source methodology for Information Development**. Disponível em: [http://mike2.openmethodology.org/wiki/Big\\_Data\\_Definition](http://mike2.openmethodology.org/wiki/Big_Data_Definition). Acesso em: 16 dez. 2017.

CARIBÉ, R. DE C. DO V. **COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA PARA O PÚBLICO LEIGO NO BRASIL**. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

CARIBÉ, R. DE C. DO V.; PINTO, A. A.; DIOGENES, F. C. B. Necessidades de informação do gênero mulher no Distrito Federal, Brasil: resultados de um survey. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 13, n. 2, p. 418–436, 2015.

**Categoria:Formatos digitais – Wikipédia, a enciclopédia livre**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Formatos\\_digitais](https://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Formatos_digitais). Acesso em: 23 nov. 2017.

CAYGILL, Howard. **Dicionário Kant**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CHISHOLM, Hugh. Amara Sinha. In: **Encyclopædia Britannica**. 11th ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1911, v. 1, p. 781. Disponível em:

<<https://ia801403.us.archive.org/22/items/encyclopaediabri01chisrich/encyclopaediabri01chisrich.pdf>>. Acesso em 01 set. 2017.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia R. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília : Briquet De Lemos, 2008.

CURRÁS, Emilia. **Ontologias, taxonomia e thesaurus em teoria de sistemas e sistemática**. Brasília : Thesaurus, 2010.

CURRÁS, Emilia. **Tesauros: Linguagens terminológicas**. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1995.

DAIBER, Hans. Aganafat., **Encyclopaedia of Islam, THREE**, Edited by: Kate Fleet, Gudrun Krämer, Denis Matringe, John Nawas, Everett Rowson. 2008. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.1163/1573-3912\\_ei3\\_COM\\_26305](http://dx.doi.org/10.1163/1573-3912_ei3_COM_26305)>. Acesso em 22 set. 2017.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos. **Tesauro: linguagem de representação da memória documentária**. Niterói: Intertexto, 2002.

DORANDI, Tiziano. Chapter 2: Chronology. In: ALGRA, Keimpe; et al. **The Cambridge History of Hellenistic Philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 49.

FABBRINI, Ricardo Nascimento. O ensino de filosofia: a leitura e o acontecimento. **Trans/Form/Ação**, v. 28, p. 07-27, 2005.

**File-Extensions.org - File extension library**. Disponível em: <<https://www.file-extensions.org/>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

**FileInfo - The File Extensions Database**. Disponível em: <<https://fileinfo.com/>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

GARDNER, Sebastian. **Kant and the critique of pure reason**. London: Routledge, 2005. 377 p.

(Routledge philosophy guidebooks).

**Georg Reeb (1593-1662) / 18 titles, 40 vols. | PRDL.** Disponível em:

<[http://www.prdl.org/author\\_view.php?s=0&limit=20&a\\_id=3483&sort=>](http://www.prdl.org/author_view.php?s=0&limit=20&a_id=3483&sort=>). Acesso em: 23 nov. 2017.

GRENON, Pierre; SMITH, Barry. Foundations of an ontology on philosophy. **Synthese**. [s.d.], v. 182, n. 2, p. 185-204, 2011.

GUYER, Paul. **Kant and the claims of knowledge**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 25. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1993. 158 p.

HJØRLAND, Birger. **Information seeking and subject representation: an activity-theoretical approach to information science**. Westport: Greenwood Press, 1997.

HÖFFE, Otfried. **Immanuel Kant**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

**InPhO - The Indiana Philosophy Ontology Project**. Disponível em:

<<https://inpho.cogs.indiana.edu/>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS NACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2015**. Brasília: Inep, 2016. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>>. Acesso em 10/10/2017

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **ISO 25964-1: Information and documentation: Thesauri and interoperability with other vocabularies**. Geneva, 2011.

JONES, J. **The Philosopher's Web**. Disponível em:

<<http://www.openculture.com/2017/10/the-philosophers-web.html>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

KANT, Immanuel,. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 2000. 511 p.

KELSEY, T. **Social networking spaces : from Facebook to Twitter and everything in between : a step-by-step introduction to social networks for beginners and everyone else.** [s.l.] Apress, 2010.

MARGUTTI, Paulo. Sobre a nossa tradição exegética e a necessidade de uma reavaliação do ensino de filosofia no país. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 129, p. 397-410, jun. 2014.

MAZZOCHI, Fulvio; TIBERI, Melissa. Knowledge Organization in the Philosophical Domain: Dealing with Polysemy in Thesaurus Building. **Knowledge organization**. Florência, v.36, n. 2/3, p. 103-112, 2009.

MORAES FILHO, Evaristo de. **Decimalia: o ensino da filosofia no Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Biblioteca Nacional, 1959.

OLOFSSON, B. **LibGuides: Philosopher's Index: About**. Disponível em:  
<<http://proquest.libguides.com/philosophersindex>>. Acesso em: 28 out. 2017.

OZER, J. **What is Streaming? - Streaming Media Magazine**. Disponível em:  
<<http://www.streamingmedia.com/Articles/ReadArticle.aspx?ArticleID=74052>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

PEREIRA, Rômulo Martins. O espaço e o tempo como intuições puras: um estudo acerca dos argumentos presentes nas exposições metafísicas da “Estética Transcendental”. **Ensaio Filosóficos**. [Rio de Janeiro], v. III, abr. 2011.

**Philosopher's Index, The**. Disponível em:  
<<http://www.ovid.com/site/catalog/databases/155.jsp>>.  
Acesso em: 28 out. 2017.

**Philosopher's Web Philosophers Kumu**. Disponível em:  
<<https://kumu.io/GOliveira/philosophers-web#map-b9Ts7W5r>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília: Briquet De Lemos, 2009.

**Reeb, Georg 1593-1662 [WorldCat Identities]**. Disponível em:  
<<http://www.worldcat.org/identities/lccn-no93-1086/>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

**Sustainability of Digital Formats: Planning for Library of Congress Collections**. Disponível

em: <<https://www.loc.gov/preservation/digital/formats/index.shtml>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

WEINBERG, J. **A Visualization of Influence in the History of Philosophy - Daily Nous.**

Disponível em: <<http://dailynous.com/2017/01/11/visualization-influence-history-philosophy/>>.

Acesso em: 23 nov. 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. 2. ed. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1979.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – LISTAGEM ALFABÉTICA DOS DESCRITORES DO MODELO DE TESAURO DE FILOSOFIA ESPECIALIZADO EM KANT

Título: Tesouro de Filosofia

Autor: Mozart Teixeira

Palavras chave:

Cobertura:

URI: <http://localhost/tematres/vocab/>

Criado por: TemaTres 2.1

---

#### A posteriori

TT:

TR: Intuição empírica

#### A priori

TT:

TR: Categorias (Tábua de)

TR: Espaço

TR: Intuição pura

TR: Tempo

#### Afirmativo

TT: Descritores de assunto

TGI: Qualidade (Julgamentos de)

#### Alemanha

TT: Descritores geográficos

TR: KANT, Immanuel

TG: Descritores geográficos

#### Analítica Transcendental

TT: Descritores onomásticos

TR: Categorias (Tábua de)

TR: Cognição

TR: Juízos (Tábua de)

TR: Representação

TGP: Lógica Transcendental

## Aparência

USE: Fenômeno

## Apodítico

TT: Descritores de assunto

TGI: Modalidade (Julgamentos de)

## Assertórico

TT: Descritores de assunto

TGI: Modalidade (Julgamentos de)

## BERKELEY, George

TT: Descritores onomásticos

TR: Empirismo

TR: Inglaterra

TG: Descritores onomásticos

## Categorias (Tábua de)

TT: Descritores de assunto

TR: A priori

TR: Analítica Transcendental

TR: Juízos (Tábua de)

TG: Conceito

TEI: Modalidade (Categorias de)

TEI: Qualidade (Categorias de)

TEI: Quantidade (Categorias de)

TEI: Relação (Categorias de)

## Categórico

TT: Descritores de assunto

TGI: Relação (Julgamentos de)

## Causa e efeito

USE: Dependência e Causalidade

## Ceticismo

TT: Descritores de assunto

TR: Filosofia antiga

TG: Escolas filosóficas

## Cinismo

TT: Descritores de assunto  
 TR: Filosofia antiga  
 TG: Escolas filosóficas

#### Cognição

TT: Descritores de assunto  
 TR: Analítica Transcendental  
 TR: Representação  
 TG: Entidades filosóficas  
 TEI: Pensamento  
 TEI: Sensibilidade

#### Comunidade

TT: Descritores de assunto  
 DF: Reciprocidade entre agentes ativo e passivo.  
 TGI: Relação (Categorias de)

#### Conceito

TT: Descritores de assunto  
 TR: Pensamento  
 TG: Representação  
 TE: Categorias (Tábua de)

#### Crítica da Razão Pura

TT: Descritores onomásticos

Nota de escopo: O questionamento, análise ou investigação (Crítica) de conceitos trazidos da razão para a experiência (Razão) que não contêm nada derivado da experiência sensorial (Pura).

TG: KANT, Immanuel  
 TEP: Doutrina Transcendental do Método  
 TEP: Doutrina Transcendental dos Elementos

#### Criticismo

TT: Descritores de assunto  
 TR: Filosofia moderna  
 TR: KANT, Immanuel  
 TG: Escolas filosóficas

#### Dedutivo

TT: Descritores de assunto  
 TG: Métodos



#### Dependência e Causalidade

TT: Descritores de assunto  
 TGI: Relação (Categorias de)  
 UP: Causa e efeito

#### DESCARTES, René

TT: Descritores onomásticos  
 TR: França  
 TR: Racionalismo  
 TG: Descritores onomásticos

#### Descritores cronológicos

TT:  
 TE: Filosofia contemporânea  
 TE: Filosofia moderna  
 TE: Filosofia antiga  
 TE: Filosofia medieval

#### Descritores de assunto

TT:  
 TE: Entidades filosóficas  
 TE: Escolas filosóficas  
 TE: Métodos

#### Descritores geográficos

TT:  
 TE: Alemanha  
 TE: França  
 TE: Grécia  
 TE: Inglaterra

#### Descritores onomásticos

TT:  
 TE: BERKELEY, George  
 TE: DESCARTES, René  
 TE: KANT, Immanuel

#### Deus

TT:  
 TR: Intuição intelectual

#### Dialética Transcendental

TT: Descritores onomásticos

TGP: Lógica Transcendental

#### Dialético

TT: Descritores de assunto

TG: Métodos

#### Disjuntivo

TT: Descritores de assunto

TGI: Relação (Julgamentos de)

#### Dogmatismo

TT: Descritores de assunto

TG: Escolas filosóficas

#### Doutrina Transcendental do Método

TT: Descritores onomásticos

TGP: Crítica da Razão Pura

#### Doutrina Transcendental dos Elementos

TT: Descritores onomásticos

TGP: Crítica da Razão Pura

TEP: Estética Transcendental

TEP: Lógica Transcendental

#### Empirismo

modificação: 2017-11-19 02:45:32

TT: Descritores de assunto

TR: BERKELEY, George

TR: Filosofia moderna

TG: Escolas filosóficas

#### Entidades filosóficas

TT: Descritores de assunto

TG: Descritores de assunto

TE: Cognição

TE: Intuição

TE: Representação

## Epicurismo

TT: Descritores de assunto  
 TR: Filosofia antiga  
 TG: Escolas filosóficas

## Escolas filosóficas

TT: Descritores de assunto  
 TG: Descritores de assunto  
 TE: Ceticismo  
 TE: Cinismo  
 TE: Criticismo  
 TE: Dogmatismo  
 TE: Empirismo  
 TE: Epicurismo  
 TE: Escolástica  
 TE: Estoicismo  
 TE: Hedonismo  
 TE: Racionalismo

## Escolástica

TT: Descritores de assunto  
 TG: Escolas filosóficas

## Espaço

TT: Descritores de assunto  
 TR: A priori  
 TR: Estética Transcendental  
 TR: Fenômeno  
 TR: Geometria  
 TR: Juízos sintéticos a priori  
 TG: Intuição pura

## Estética Transcendental

TT: Descritores onomásticos  
 TR: Espaço  
 TR: Intuição  
 TR: Intuição empírica  
 TR: Intuição intelectual  
 TR: Intuição pura  
 TR: Tempo  
 TGP: Doutrina Transcendental dos Elementos

#### Estoicismo

TT: Descritores de assunto

TR: Filosofia antiga

TG: Escolas filosóficas

#### Existência/Não-existência

TT: Descritores de assunto

TGI: Modalidade (Categorias de)

#### Fenômeno

TT:

TR: Espaço

TR: Intuição empírica

TR: Tempo

UP: Aparência

#### Fenomenológico

TT: Descritores de assunto

TR: Filosofia contemporânea

TG: Métodos

#### Filosofia contemporânea

TT: Descritores cronológicos

TR: Fenomenológico

TG: Descritores cronológicos

#### Filosofia moderna

TT: Descritores cronológicos

TR: Criticismo

TR: Empirismo

TR: Racionalismo

TG: Descritores cronológicos

#### Filosofia antiga

TT: Descritores cronológicos

TR: Ceticismo

TR: Cinismo

TR: Epicurismo

TR: Estoicismo

TR: Hedonismo

TG: Descritores cronológicos

#### Filosofia medieval

TT: Descritores cronológicos

TG: Descritores cronológicos

#### França

TT: Descritores geográficos

TR: DESCARTES, René

TG: Descritores geográficos

#### Geometria

TT:

TR: Espaço

TR: Juízos sintéticos a priori

#### Grécia

TT: Descritores geográficos

TG: Descritores geográficos

#### Hedonismo

TT: Descritores de assunto

TR: Filosofia antiga

TG: Escolas filosóficas

#### Hipotético

TT: Descritores de assunto

TGI: Relação (Julgamentos de)

#### Hipotético-dedutivo

TT: Descritores de assunto

TG: Métodos

#### Indutivo

TT: Descritores de assunto

TG: Métodos

#### Infinito

TT: Descritores de assunto

TGI: Qualidade (Julgamentos de)

## Inglaterra

TT: Descritores geográficos

TR: BERKELEY, George

TG: Descritores geográficos

## Intuição

TT: Descritores de assunto

TR: Estética Transcendental

TR: Intuição intelectual

TR: Sensibilidade

TG: Entidades filosóficas

TEI: Intuição empírica

TEI: Intuição pura

## Intuição a posteriori

USE: Intuição empírica

## Intuição a priori

USE: Intuição pura

## Intuição empírica

TT: Descritores de assunto

TR: A posteriori

TR: Estética Transcendental

TR: Fenômeno

TR: Sensibilidade

TGI: Intuição

UP: Intuição a posteriori

TE: Sensação

## Intuição intelectual

TT:

TR: Deus

TR: Estética Transcendental

TR: Intuição

TR: Pensamento

## Intuição pura

TT: Descritores de assunto

TR: A priori

TR: Estética Transcendental

TGI: Intuição  
 UP: Intuição a priori  
 TE: Espaço  
 TE: Tempo

#### Juízo

USESP: Juízos (Tábua de)

#### Juízos (Tábua de)

modificação: 2017-03-07 05:17:39

TT: Descritores de assunto  
 TR: Analítica Transcendental  
 TR: Categorias (Tábua de)  
 TG: Pensamento  
 TEI: Modalidade (Julgamentos de)  
 TEI: Qualidade (Julgamentos de)  
 TEI: Quantidade (Julgamentos de)  
 TEI: Relação (Julgamentos de)

#### Juízos sintéticos a priori

TT:  
 TR: Espaço  
 TR: Geometria  
 TR: Tempo

#### Julgamento

USESP: Juízos (Tábua de)

#### Julgamentos

USESP: Juízos (Tábua de)

#### KANT, Immanuel

TT: Descritores onomásticos  
 TR: Alemanha  
 TR: Criticismo  
 TG: Descritores onomásticos  
 TE: Crítica da Razão Pura

#### Limitação

TT: Descritores de assunto  
 TGI: Qualidade (Categorias de)

## Lógica Transcendental

TT: Descritores onomásticos  
 TGP: Doutrina Transcendental dos Elementos  
 TEP: Analítica Transcendental  
 TEP: Dialética Transcendental

## Métodos

TT: Descritores de assunto  
 TG: Descritores de assunto  
 TE: Dedutivo  
 TE: Dialético  
 TE: Fenomenológico  
 TE: Hipotético-dedutivo  
 TE: Indutivo

## Modalidade (Categorias de)

TT: Descritores de assunto  
 TGI: Categorias (Tábua de)  
 TEI: Existência/Não-existência  
 TEI: Necessidade/Contingência  
 TEI: Possibilidade/Impossibilidade

## Modalidade (Julgamentos de)

TT: Descritores de assunto  
 TGI: Juízos (Tábua de)  
 TEI: Apodítico  
 TEI: Assertórico  
 TEI: Problemático

## Necessidade/Contingência

TT: Descritores de assunto  
 TGI: Modalidade (Categorias de)

## Negação

TT: Descritores de assunto  
 TGI: Qualidade (Categorias de)

## Negativo

TT: Descritores de assunto  
 TGI: Qualidade (Julgamentos de)



## Particular

TT: Descritores de assunto  
 TGI: Quantidade (Julgamentos de)

## Pensamento

TT: Descritores de assunto  
 TR: Conceito  
 TR: Intuição intelectual  
 TGI: Cognição  
 TE: Juízos (Tábua de)

## Pluralidade

TT: Descritores de assunto  
 TGI: Quantidade (Categorias de)

## Possibilidade/Impossibilidade

TT: Descritores de assunto  
 TGI: Modalidade (Categorias de)

## Problemático

TT: Descritores de assunto  
 TGI: Modalidade (Julgamentos de)

## Qualidade (Categorias de)

TT: Descritores de assunto  
 TGI: Categorias (Tábua de)  
 TEI: Limitação  
 TEI: Negação  
 TEI: Realidade

## Qualidade (Julgamentos de)

TT: Descritores de assunto  
 TGI: Juízos (Tábua de)  
 TEI: Afirmativo  
 TEI: Infinito  
 TEI: Negativo

## Quantidade (Categorias de)

TT: Descritores de assunto  
 TGI: Categorias (Tábua de)

TEI: Pluralidade

TEI: Totalidade

TEI: Unidade

#### Quantidade (Julgamentos de)

TT: Descritores de assunto

TGI: Juízos (Tábua de)

TEI: Particular

TEI: Singular

TEI: Universal

#### Racionalismo

modificação: 2017-11-19 02:45:55

TT: Descritores de assunto

TR: DESCARTES, René

TR: Filosofia moderna

TG: Escolas filosóficas

#### Realidade

TT: Descritores de assunto

TGI: Qualidade (Categorias de)

#### Relação (Categorias de)

TT: Descritores de assunto

TGI: Categorias (Tábua de)

TEI: Comunidade

TEI: Dependência e Causalidade

TEI: Subsistência e Inerência

#### Relação (Julgamentos de)

TT: Descritores de assunto

TGI: Juízos (Tábua de)

TEI: Categórico

TEI: Disjuntivo

TEI: Hipotético

#### Representação

TT: Descritores de assunto

TR: Analítica Transcendental

TR: Cognição

TG: Entidades filosóficas

TE: Conceito

## Representações

USESP: Representação

## Sensação

TT: Descritores de assunto

TG: Intuição empírica

## Sensibilidade

TT: Descritores de assunto

TR: Intuição

TR: Intuição empírica

TGI: Cognição

## Singular

TT: Descritores de assunto

TGI: Quantidade (Julgamentos de)

## Subsistência e Inerência

TT: Descritores de assunto

TGI: Relação (Categorias de)

## Tábua de juízos

USESP: Juízos (Tábua de)

## Tábua de julgamentos

USESP: Juízos (Tábua de)

## Tempo

TT: Descritores de assunto

TR: A priori

TR: Estética Transcendental

TR: Fenômeno

TR: Juízos sintéticos a priori

TG: Intuição pura

## Totalidade

TT: Descritores de assunto

TGI: Quantidade (Categorias de)

## Unidade

TT: Descritores de assunto

TGI: Quantidade (Categorias de)

## Universal

TT: Descritores de assunto

TGI: Quantidade (Julgamentos de)

## APÊNDICE B – LISTAGEM SISTEMÁTICA DOS DESCRITORES DO MODELO DE TESAURO DE FILOSOFIA ESPECIALIZADO EM KANT

### Descritores cronológicos

- . Filosofia contemporânea
- . Filosofia moderna
- . Filosofia antiga
- . Filosofia medieval

### Descritores de assunto

- . Entidades filosóficas
  - . Cognição
    - . Pensamento
      - . Juízos (Tábua de)
        - . Modalidade (Julgamentos de)
          - . Apodítico
          - . Assertórico
          - . Problemático
        - . Qualidade (Julgamentos de)
          - . Afirmativo
          - . Infinito
          - . Negativo
        - . Quantidade (Julgamentos de)
          - . Particular
          - . Singular
          - . Universal
        - . Relação (Julgamentos de)
          - . Categórico
          - . Disjuntivo
          - . Hipotético
      - . Sensibilidade
    - . Intuição
      - . Intuição empírica
      - . Sensação
      - . Intuição pura
        - . Espaço
        - . Tempo
    - . Representação
      - . Conceito
        - . Categorias (Tábua de)
          - . Modalidade (Categorias de)
            - . Existência/Não-existência

.	.	.	.	.	.	Necessidade/Contingência
.	.	.	.	.	.	Possibilidade/Impossibilidade
.	.	.	.	.		Qualidade (Categorias de)
.	.	.	.	.	.	Limitação
.	.	.	.	.	.	Negação
.	.	.	.	.	.	Realidade
.	.	.	.	.		Quantidade (Categorias de)
.	.	.	.	.	.	Pluralidade
.	.	.	.	.	.	Totalidade
.	.	.	.	.	.	Unidade
.	.	.	.	.		Relação (Categorias de)
.	.	.	.	.	.	Comunidade
.	.	.	.	.	.	Dependência e Causalidade
.	.	.	.	.	.	Subsistência e Inerência
.						Escolas filosóficas
.	.					Ceticismo
.	.					Cinismo
.	.					Criticismo
.	.					Dogmatismo
.	.					Empirismo
.	.					Epicurismo
.	.					Escolástica
.	.					Estoicismo
.	.					Hedonismo
.	.					Racionalismo
.						Métodos
.	.					Dedutivo
.	.					Dialético
.	.					Fenomenológico
.	.					Hipotético-dedutivo
.	.					Indutivo
						Descritores geográficos
.						Alemanha
.						França
.						Grécia
.						Inglaterra
						Descritores onomásticos
.						BERKELEY, George
.						DESCARTES, René
.						KANT, Immanuel
.	.					Crítica da Razão Pura

.	.	.	Doutrina Transcendental do Método
.	.	.	Doutrina Transcendental dos Elementos
.	.	.	. Estética Transcendental
.	.	.	. Lógica Transcendental
.	.	.	. . Analítica Transcendental
.	.	.	. . Dialética Transcendental

## APÊNDICE C – EXEMPLO DE EXIBIÇÃO DE TERMO DESCRITOR (PENSAMENTO) NA INTERFACE GRÁFICA DO SOFTWARE TEMATRES

### Pensamento

#### Términos genéricos

 TGI Cognição

#### Términos específicos

 TE4 Juízos (Tábua de) ▼

TE5 Modalidade (Julgamentos de) ▼

TE6 Apodítico

TE6 Assertórico

TE6 Problemático

TE5 Qualidade (Julgamentos de) ▼

TE6 Afirmativo

TE6 Infinito

TE6 Negativo

TE5 Quantidade (Julgamentos de) ▼

TE6 Particular

TE6 Singular

TE6 Universal

TE5 Relação (Julgamentos de) ▼

TE6 Categórico

TE6 Disjuntivo

TE6 Hipotético

#### Termos relacionados

 TR Conceito

 TR Intuição intelectual



## APÊNDICE D – EXEMPLO DE EXIBIÇÃO DE TERMO DESCRITOR (TÁBUA DE CATEGORIAS) NA INTERFACE GRÁFICA DO SOFTWARE TEMATRES

### Categorias (Tábua de)

#### Términos genéricos

✕ TG Conceito

#### Términos específicos

✕ TEI5 Modalidade (Categorias de) ▼

TE6 Existência/Não-existência

TE6 Necessidade/Contingência

TE6 Possibilidade/Impossibilidade

✕ TEI5 Qualidade (Categorias de) ▼

TE6 Limitação

TE6 Negação

TE6 Realidade

✕ TEI5 Quantidade (Categorias de) ▼

TE6 Pluralidade

TE6 Totalidade

TE6 Unidade

✕ TEI5 Relação (Categorias de) ▼

TE6 Comunidade

TE6 Dependência e Causalidade

TE6 Subsistência e Inerência

#### Termos relacionados

✕ TR A priori

✕ TR Analítica Transcendental

✕ TR Juízos (Tábua de)

## **APÊNDICE E – EXIBIÇÃO DOS QUATRO META-TERMOS PRINCIPAIS NA INTERFACE GRÁFICA DO SOFTWARE TEMATRES**

- <Descritores cronológicos>
- <Descritores de assunto>
- <Descritores geográficos>
- <Descritores onomásticos>

## APÊNDICE F – EXIBIÇÃO DOS DESCRITORES DE ASSUNTO NA INTERFACE GRÁFICA DO SOFTWARE TEMATRES

- ▶ <Descritores cronológicos>
- ▼ <Descritores de assunto>
  - ▼ <Entidades filosóficas>
    - ▼ **Cognição**
      - ▶ **Pensamento**
      - Sensibilidade**
    - ▼ **Intuição**
      - ▶ **Intuição empírica**
      - ▼ **Intuição pura**
        - Espaço**
        - Tempo**
    - ▼ **Representação**
    - ▼ **Conceito**
      - ▼ **Categorias (Tábua de)**
        - ▶ **Modalidade (Categorias de)**
        - ▶ **Qualidade (Categorias de)**
        - ▶ **Quantidade (Categorias de)**
        - ▶ **Relação (Categorias de)**
  - ▶ <Escolas filosóficas>
  - ▶ <Métodos>